

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

SIGILLATA HISPÂNICA EM MUSEUS DO NORTE DE PORTUGAL.

ALARCÃO, Adília Moutinho de

Ano: 1958 | Número: 68

Como citar este documento:

ALARCÃO, Adília Moutinho de, Sigillata hispânica em museus do Norte de Portugal.
Revista de Guimarães, 68 (3-4) Jul.-Dez. 1958, p. 249-315.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Sigillata Hispânica

em

Museus do Norte de Portugal (1)

A *terra sigillata* é uma cerâmica romana, dos séculos I a. C.-IV d. C., de fábrica muito cuidada. Nos seus traços essenciais, trata-se de uma cerâmica de pasta fina, vermelha ou cor de tijolo, coberta por um verniz mais ou menos brilhante, sem a transparência do vidrado e que vai desde o vermelho coralíneo ao alaranjado.

Utilizava-se, especialmente, como baixela.

Pode dividir-se em duas grandes categorias: *cerâmica lisa* e *cerâmica decorada*, classificação imprópria para estabelecer uma diferença que visa unicamente formas e processos de fabrico: as formas *lisas* eram obtidas apenas pelo uso da roda de oleiro; as formas *decoradas* eram feitas sobre mol-des que levavam impressa a ornamentação, e acabadas ao torno (2).

Em geral os fabricantes não deixavam esta cerâmica sair de suas olarias sem imprimirem a marca

(1) Devo os melhores agradecimentos a todas as pessoas que facilitaram o meu trabalho, aos Ilustres Directores do Museu de Antropologia da Universidade do Porto, do Museu do Seminário de Santiago de Braga, do Museu do Seminário Maior do Porto, e, muito especialmente, ao Senhor Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, e ao Senhor Coronel Mário Cardozo que, entre outros favores, me deu ensejo à publicação do presente estudo.

(2) *J. S. E. A.*, 1925, Memória n.º 75, págs. 12-14.

de oficina ⁽¹⁾ (a esta prática anda ligado o termo *sigillata*); frequentemente incisa ou aplicada na parede do vaso, usava-se de preferência estampá-la no interior do vaso, sobre a base.

Até fins do séc. XIX os arqueólogos e eruditos peninsulares que, ocupando-se das antigualhas romanas, encontraram *terra sigillata*, designaram-na por *barro saguntino* ⁽²⁾ ou *vasos sâmios*; no juízo de alguns (vd. p. 11) essa cerâmica que assiduamente descobriam nos lugares de ocupação romana era a mesma referida nos escritos de Marcial, Plínio e Juvenal. E foi Dragendorff, a quem esta cerâmica mereceu o primeiro estudo atento, que a designou por *terra sigillata*.

Terra sigillata é designação mais afortunada que «vasos sâmios» ou «barros saguntinos»; estas só conviriam à cerâmica fabricada em Samos e Sagunto, e *terra sigillata*, por ser vazia de qualquer indicação topográfica, aplica-se aos vasos de qualquer oficina — Sagunto ou La Graufesenque, Abella ou Lezoux. Todavia, é também manifesta a sua insuficiência, pois aplica-se indiferentemente a vasos marcados ou sem estampilha, a formas decoradas ou lisas.

O fabrico de *terra sigillata* começou na Grécia e Ásia Menor, no séc. I a. C.; das mãos destes oleiros saíram mais assiduamente as formas lisas que as decoradas.

A oficina conhecida pela marca M. PERENNIVS TIGRANI foi, talvez, a que primeiro fabricou *sigillata* decorada em Itália; dela saíram, cerca do ano 29 a. C. ⁽³⁾, em Arezzo, algumas peças já desta cerâmica; e outros oleiros, em grande cópia, seguiram este fabrico; primeiro em Itália, logo na Gália, Panónia e Hispânia; e ainda, além do *limes* romano, como na Dina-

(1) Na cerâmica hispânica, contrariamente ao que sucede na gálica e na itálica, o uso da marca de oleiro é muito pouco frequente, sobretudo em vasos decorados.

(2) *CONFORT*, col. 1339.

(3) *A. E. A.*, 1943, n.º 50, págs. 130-131.

marca ou Prússia Oriental, se vão descobrir alguns esporádicos exemplares (1).

A *sigillata* começou a fabricar-se na Gália do Sul cerca de 14 d. C. (2); mas cedo atingiu o território arverniano (Cláudio), a Gália Oriental (Domiciano) e os territórios transrenanos (Trajano), ao longo dos vales do Ródano, do Saône e do Mosela (3).

A produção da Gália do Sul, sobretudo no país dos Rutenos (La Graufesenque, Montans e Banassac), foi dilatada; exportou-se para outras regiões gálicas e Itália, para a terra dos bretões e Alemanha, setentrão de África e Hispânia. Lezoux, já na Gália Central, foi oficina menos activa; mas, na época dos Antoninos, a sua produção, de cunho muito original, exportou-se também em abundância para Inglaterra.

A Hispânia importou *sigillata* de além Pirenéus, mas teve suas oficinas; e, nas colecções já publicadas, são geralmente mais as peças e fragmentos indígenas que os importados; isto mormente nas colecções oriundas da Meseta Superior ou do Noroeste Peninsular.

A distinção da *sigillata* indígena e da importada deveu-se a Oxé. Em 1912, este sábio arqueólogo alemão visitou os museus de Gerona, Barcelona, Madrid, Valença e Sagunto; quando regressou de Espanha à sua terra, levava consigo a conclusão de que também aquém Pirenéus se havia fabricado *terra sigillata*, e deixava aos arqueólogos peninsulares um critério discriminativo da cerâmica indígena e da estrangeira (4).

Suspeitada da existência de uma fábrica na antiga Tritium Magallum (Logroño) em actividade pelos finais do séc. I. Mais tarde, o achado de um fragmento de molde de forma Drag. 29, muito simplificada, num terreno do velho centro romano, viria autenticar aquelas afirmações e permitiria concluir que algumas das peças encontradas em Juliobriga

(1) *INTROD.*, pág. 12.

(2) Cf. *INTROD.*, pág. 203 e *CONFORT*, cols. 1.329-1330.

(3) *INTROD.*, pág. 12.

(4) Cf. *A. E. A.*, 1943, n.º 50, pág. 142.

(Santander) provieram daquela fábrica (1), o que é bastante significativo e rico em consequências.

Ainda em 1912 descobriu Serra Vilaró em Abella três fornos nos quais se encontravam fragmentos de moldes e vasos de um único tipo cerâmico, quase todos feitos de argila amarelada, sendo uns lisos e outros decorados (2).

A esta descoberta da primeira oficina hispânica conhecida de *terra sigillata*, seguiu-se outra pelo mesmo investigador espanhol de nova fábrica situada em Solsona onde funcionavam umas termas construídas nos meados do séc. I da nossa Era (3).

Não se encontrou nenhum forno, mas o aparecimento de restos de moldes, de escórias e de um pequeno poço em que provavelmente se conservaria o barro, como ainda hoje se usa, são suficientes provas da sua existência.

Oswald arriscou ainda a hipótese de uma outra fábrica situada em Portugal, possivelmente na época Flávia, onde teria trabalhado o oleiro SEGITRITVS; TETIRVS é também por ele colocado na antiga Lusitânia (4).

Em 1955 foi publicada por D. Fletcher (5) a notícia da existência de um forno cerâmico romano, de planta rectangular, em Olocau (Valencia), no qual apareceram restos de *terra sigillata* de variadas ornamentações e perfis, dando a sensação de imitarem tipos de La Graufesenque, e duas vasilhas com marcas: GALLIM e OF. PONT.

Problema é o saber-se se esta *sigillata* indígena, saída dos fornos de Abella e Solsona, de Tritium e Olocau, e de outros que se não lograram ainda descobrir, deve identificar-se com aqueles «cálices e botelhas» citados na Antiguidade por Marcial, Plínio e Juvenal (6) e designados *saguntinos*.

(1) C. H. P., III, n.º 2, 1948, pág. 146.

(2) J. S. E. A. Memória n.º 13, 1925.

(3) J. A. S. A. Memória n.º 63, 1924.

(4) A. E. A., 1943, n.º 50, pág. 114.

(5) A. E. A., 1955, n.º 91, pág. 163.

(6) Ao referir a *terra sigillata* e vários centros da sua produção, comparando-os, pela excelência do fabrico, com as oficinas de Sorrento, Polentia e Cumas, Juvenal pretendia rea-

Ambrósio, de Morales, nisto seguido pelo Conde de Lumiares (1769), atribuía à fábrica de Sagunto a *sigillata* que lhe parecia ser de origem peninsular; mas não distinguia convenientemente a *sigillata* hispânica da italiana (ou, segundo a nomenclatura da época, o *barro saguntino* da *cerâmica arretina*); errava ainda na atribuição de toda a *sigillata* peninsular às oficinas de Sagunto; e era mal fundado na pretensão de que a *sigillata* hispânica era o barro *saguntino*.

No séc. XIX continuou a atribuir-se a Sagunto toda a produção que se julgava peninsular; e muitas peças de outra origem eram inadvertidamente classificadas de saguntinas. Outros, porém, como Déchelette e Manuel Cazorro, sustentaram a inverosimilhança da identificação da *terra sigillata* à cerâmica referida pelos citados clássicos (2).

B. Taracena (3), apoiado nos textos latinos, concluiu que as citações dos três autores romanos se referem a produtos contemporâneos (segunda metade do séc. I), semelhantes aos vasos de Samos, Arezzo e Pérgamo que Plínio cita juntamente e que sabemos serem, indubitavelmente, de *terra sigillata*.

Mas ainda que as dúvidas subsistam quanto ao problema da identificação do citado *barro* de Sagunto, é indiscutível a existência de uma indústria de cerâmica sigilada hispânica.

Os limites cronológicos da produção hispânica só por conjectura podem estabelecer-se; só um método estratigráfico logrará descobrir a cronologia das peças; mas a estratigrafia é método de uso moderno, e os diários de escavações, as notícias de achados, ou literatura que acompanhe as peças expostas nos

bilitar, perante os seus contemporâneos, as baixelas de cerâmica, imitação modesta das custosas baixelas de ouro e prata. Cf. o artigo de B. Taracena citado na nota 3.

(2) J. S. E. A., Memória n.º 63, 1924, págs. 18-19 e Memória n.º 73, 1925, pág. 19.

(3) B. Taracena, «Barro saguntino» y «terra sigillata», A. E. A., n.º 50, 1943, pág. 125.

museus, são escassas, quando não mesmo desertas, de indicações que possam ajudar ao estabelecimento da cronologia.

O conhecimento dos sítios e datas, dos acampamentos romanos na Península, ajudaria a cronologia da *terra sigillata* assídua nos locais de estância das legiões, mas a carta topográfica dos acantonamentos está incompleta e o conhecimento das datas é imperfeito.

Tão pouco sabemos de certas matérias de história social e económica que seriam úteis à determinação da cronologia e investigação das causas e condições dos primeiros fabricos locais. As legiões trariam *sigillata* dos seus lugares de proveniência? Trariam, intencional ou ocasionalmente, moldes de várias formas? Viriam legionários que soubessem o ofício de oleiro?

Quando morreram as oficinas de Arezzo, cerca de 30 d. C., as sudgálicas constituíram-se suas herdeiras nos mercados do mundo romano; os vasos sudgálicos abundaram na Hispânia, mormente os provenientes de La Graufesenque (1); aqui, as oficinas encerraram-se nos finais da primeira centúria; mas logo foram substituídas por Lezoux (2), que começara a fabricar no tempo de Cláudio.

Os produtos de Lezoux eram, porém, exportados de preferência para o Norte e para a Britânia, não atingindo sequer o Mediterrâneo; este era servido pelas formas mais antigas (tipo A) da *sigillata clara*, proveniente de Itália; mas só muito esporadicamente a *sigillata clara* atingiu a Hispânia central (3).

Terá sido então que as populações do interior, perante a falta de fornecedores, recorreram ao fabrico

(1) Cf. R. Serpa Pinto, «Museu de Martins Sarmento. III — Terra Sigillata» in *Revista de Guimarães*, 1929, t. 39, págs. 27-43.

(2) N. Lomboglia, «Apuntes sobre cronologia cerâmica» in *Publicaciones del Seminario de Arqueología y Numismática aragonesa*, 1952, pág. 83.

(3) *Idem, ibidem*, pág. 85; e *PALOL*, pág. 470.

local, imitando os produtos estrangeiros que até aí tinham abundado nos seus mercados?

Serra Vilaró atribuiu as oficinas de Solsona e de Abella à segunda metade do séc. I, precisamente ao período de transição que é o de maior esplendor da forma *Drag. 37* e corresponde à dinastia flávia (1).

Esta data foi discutida por Comfort que a fez avançar para cerca de trinta anos mais tarde devido ao uso quase exclusivo, naquelas estações, do vaso semi-esférico (2).

Parece-nos ousado pretender determinar com exactidão a cronologia destas oficinas; mas não deve oferecer dúvida que tiveram o seu início alguns anos antes do começo do séc. II, muito provavelmente em pleno período flaviano (3).

Esta conclusão é inevitável em face dos resultados obtidos em Solsona através de uma estratigrafia relativa (4) e do que pudemos deduzir do exame comparativo das formas e decoração de todas as peças, seguramente hispânicas, que nos foi dado apreciar.

Dentro do esquema característico dos vasos das referidas oficinas distinguem-se, especialmente em Solsona, duas variantes que supomos corresponderem a dois períodos ligeiramente distintos: numa, o tema, formado por círculos ou rosetas, alterna com um motivo geométrico vertical que funciona como elemento de separação; na outra, o tema distribui-se em série contínua.

Creemos que a primeira é um pouco mais antiga e representa uma transição entre o esquema metopado e a segunda variante que se torna quase exclusiva durante o séc. II.

Não repugna aceitar que na Hispânia se tenha começado a fabricar relativamente tão cedo vasos de

(1) *J. S. E. A.*, Memória n.º 63, 1924, pág. 31 e Memória n.º 73, 1925, pág. 18.

(2) *COMFORT*; col. 1340.

(3) A produção de Solsona denota um melhor gosto artístico e maior perfeição técnica que a de Abella.

(4) *J. S. E. A.*, Memória n.º 63, 1924, págs. 30-31.

forma *Drag. 37*, se é certo que a exportação de cerâmica sudgálica atingiu o seu máximo para a Britânia durante o período Cláudio-Domiciano (1), 41-96. Por que razão se não havia de fazer essa mesma exportação, pela mesma época, para os mercados da Lacetânia, muito mais próxima da Gália do Sul? (2)

Serra Vilaró, aliás, crê que os nossos oleiros não encontraram grandes dificuldades na elaboração da nova cerâmica trazida pelos colonizadores romanos; só teriam tido necessidade de aprender a arte da moldagem, visto já conhecerem a do verniz vermelho que de longe vinham utilizando na sua indústria completamente indígena (3).

Em San Miguel de Sorba (4) encontraram-se vasos de formas ibéricas decoradas com pinturas sobrepostas cuja pasta e verniz têm as características próprias da *terra sigillata*.

Importa ainda notar o número de peças da forma *Drag. 29* já conhecidas e que, embora pertencentes quase todas a tipos evoluídos e decadentes, é improvável que fossem posteriores aos últimos anos do séc. I.

A cerâmica hispânica era fabricada com barro simples, sem qualquer preparado ou mistura de cor, oscilando entre o tom róseo e o amarelado; em regra, ficava mal cozida, apresentando, os vasos decorados, frequentes empastamentos.

As características do verniz e da pasta permitem distinguir facilmente os exemplares indígenas dos seus congêneres estrangeiros, a despeito de todas as variações locais ou cronológicas desta produção.

Nos exemplares mais antigos a pasta é, em regra, menos granulosa, melhor elaborada e de tom mais vermelho, mais vivo e igual do que nos produtos dos últimos tempos. O mesmo sucede com o verniz, a princípio mais lustroso, homogêneo e aderente, de um vermelho vivo, ainda que sempre com tendência

(1) *INTROD.*, pág. 243.

(2) *J. S. E. A. Memória n.º 63, 1924, pág. 31.*

(3) *J. S. E. A. Memória n.º 63, 1924, pág. 19.*

(4) *J. S. E. A. Memória n.º 73, 1925, pág. 18.*

para o alaranjado. Este tom mate faz com que os nossos produtos se assemelhem aos da Gália Central e aos de Arezzo, mais do que aos sud-gálicos.

Podemos resumir deste modo as características técnicas da *sigillata* hispânica (1):

Verniz: vermelho, de tom alaranjado, relativamente pouco brilhante, fino e pouco aderente.

Pasta: cor de tijolo, por vezes amarelada, quase sempre grosseira e desigual.

Fractura: ondulada ou granulosa.

Fabricaram-se formas lisas e formas decoradas; todavia as primeiras são menos abundantes. Entre os tipos mais difundidos avultam os seguintes, todos de filiação gálica:

A forma *Drag. 27* característica do Sul da França e com uma larga duração até meados do séc. II; o tipo mais frequente na produção hispânica, de pequenas dimensões e acentuada curvatura, está relacionado com o modelo sudgálico correspondente ao período pré-Flávio.

A forma *Drag. 24-25*, bastante antiga também e de pequenas proporções; na produção sudgálica é característica do período Tibério-Nero.

A forma *Ritterling 8*, que é um produto pré-Flávio, parece estar intimamente relacionada com a forma posterior *Drag. 37*.

A forma *Drag. 35*, em geral decorada a barbotina, é característica do período Flávio; os exemplares hispânicos encontram paralelos directos nos modelos sudgálicos.

A forma *Drag. 37*, paralela à taça decorada do mesmo número que lhe sucedeu, teve a sua origem pelo ano 60, sob Nero, e adquiriu uma rápida popularidade; é frequente em toda a última fase do séc. I.

A forma *Drag. 44*, característica das Gálias Central e Oriental durante a primeira metade do séc. II, perdura mais ou menos modificada até os últimos anos do séc. III.

(1) Cf. MESQUIRIZ, pág. 37.

A forma *Drag. 46*, típica da Gália Oriental no período Adriano-Antonino, fabricou-se possivelmente na Hispânia pela mesma data.

A forma *Drag. 33*, de perfil cônico, é, talvez, a de maior duração entre as formas lisas. Aparece sob Cláudio e atinge o séc. IV, substituindo a forma 27 pelos meados do séc. II.

As formas *Drag. 36* e *36 B*, geralmente decoradas a barbotina como a *Drag. 35*, são típicas da época Flávia; o seu aparecimento corresponde ao reinado de Nero, e encontram-se ainda abundantemente no séc. II. Em regra, o modelo hispânico não leva a dita decoração.

A forma *Drag. 18-31* é uma forma de transição característica do período Domiciano-Trajano.

A forma *Drag. 31*, muito frequente nas Gálias Oriental e Central durante o séc. II, apresenta na produção hispânica uma nota peculiar: a face interna contém, no lugar correspondente ao ângulo da carena, bem pronunciada, um relevo em meia cana que em certos exemplares atinge o volume de um quarto de círculo. Esta particularidade é típica em La Graufesenque na forma *Drag. 15-17*.

A forma *Ludowici Ib*. fabricou-se na Gália no período Trajano-Adriano; os exemplares hispânicos conhecidos parecem pertencer também à primeira metade do séc. II.

A forma *Drag. 22-23* é um tipo híbrido cujos precedentes directos remontam a Tibério; as formas puras não atingiram provavelmente o séc. II.

A forma *Drag. 15-17* encontra o seu protótipo numa forma do tempo de Augusto e aparece circunscrita ao séc. I, oferecendo uma evolução contínua. Os exemplares hispânicos correspondem ao tipo Claudiano.

A forma *Drag. 29*, cujo perfil imita o modelo hispânico decorado correspondente, encontra o seu precedente concreto nas formas sudgálicas tardias, i. e. Flávias, e aparece esporadicamente.

Outras formas, um pouco raras, mas bastante curiosas têm sido registadas. Todas as suas características indicam tratar-se de modelos puramente

hispânicos, produzidos alguns tardiamente (meados do séc. II-séc. III); mas não se logrou ainda classificá-los (1).

A cerâmica decorada, muito frequente em todas as colecções, reduz-se aos seguintes modelos:

Forma *Drag. 29*; de origem sud-gálica, aparece no reinado de Tibério e persiste até Vespasiano. Os exemplares hispânicos correspondem em regra aos modelos tardios de La Graufesenque, caracterizados pela grande abertura e altura do bordo (Flávios). Certas notas específicas distinguem-na do protótipo gálico: a pequena incidência do ângulo da carena; a moldura muito simples, tantas vezes reduzida a simples canelura, que liga o bordo à superfície moldada; a ausência da típica decoração à roleta, sobre o bordo, e da dupla linha de pérolas quase obrigatória nos produtos sudgálicos (2).

Forma *Drag. 30*; cultivada nas oficinas sud-gálicas, paralelamente à forma 29, sobreviveu-lhe quase um século; o ano 180 é apontado como o limite máximo da sua fabricação. Oferece dois tipos diversos: num, o perfil é perfeitamente cilíndrico, de paredes verticais, (época cláudia); no outro, apresenta-se em tronco de cone invertido (época flávia). Ambos comuns na produção hispânica, oferecem, todavia, duas alterações típicas: a grande abertura do bordo, idêntico ao da forma *Drag. 29*, e um relevo em meia cana, na face interna, análogo ao que se encontra nas formas lisas *Drag. 31* e *Drag. 15-17*.

Forma *Drag. 29-37*; é um tipo híbrido, de transição entre a forma carenada e o vaso semi-esférico, que a substitui; encontra-se na Gália pelos anos que marcam a viragem do séc. I para o séc. II.

Forma *Drag. 37*; começou a produzir-se no reinado de Nero, em La Graufesenque, e tornou-se o modelo predominante dos vasos decorados durante todo o séc. II, chegando a atingir o séc. IV com formas tardias, algumas vezes muito abastardadas.

(1) Vd. MESQUIRIZ, págs. 14-15; FUIDIO, Est. XL; J. S. E. A., Memória nº. 73, 1925, pág. 16.

(2) MESQUIRIZ, pág. 17.

A linha de óvulos, tão característica desta forma sudgálica, tem uma utilização raríssima na produção hispânica, e, quando existe, nunca é uma imitação do tipo normal nas oficinas gálicas, mas um óvulo simples, sem lingueta, de traçado muito tosco.

Forma *Hermet 13*; de origem gálica, esta forma é bastante antiga (contemporânea da forma *Drag. 29 ?*) (1) e encontra-se ainda em pleno séc. II; posto que pouco abundante no conjunto da *sigillata* hispânica, apresenta uma notável difusão dentro da Península (2).

Uma característica tipicamente hispânica, extensiva a todas as formas, reside na configuração da base, muito baixa, simples e com uma concavidade central, semi-esférica, na face externa do fundo.

A resolução daqueles problemas acima enunciados, e relativos à *sigillata* em geral, parece-nos que será mais fácil encontrá-la no estudo das formas decoradas do que na investigação das lisas; por tal elegemos aquela e nos decidimos a estudá-la.

A monografia acompanhada por abundante documentação gráfica, com um ou outro juízo mais largo, mas cauteloso, é o método a seguir no estudo da *sigillata* hispânica; as monografias hão-de multiplicar-se antes de poder vir a lume um *Corpus* de motivos decorativos; sem elas se não fará igualmente a carta da distribuição geográfica das formas e dos tipos de decoração, nem uma classificação adequada das formas indígenas da Hispânia.

O estudo que agora se imprime segue aqueles princípios metódicos: a análise exaustiva de uma peça íntegra e de setenta e dois fragmentos vai acompanhada por documentação gráfica abundante e cuidada (onde reside o valor da publicação); os juízos gerais são cautelosos e fundados.

As cronologias que fixámos são, muitas delas, duvidosas; é que, num caso ou outro, as deduzimos de juízos, estes mesmos precários, vistos em obras de especialistas estrangeiros ou nacionais; outras vezes,

(1) MESQUIRIZ, pág. 31.

(2) MESQUIRIZ, pág. 32.

as estabelecemos recorrendo a um método de comparação com peças gálicas de cronologia já fixada e insuspeita, mas *omnis comparatio claudicat*.

Usámos ainda, como critério, do seguinte esquema cronológico que a leitura de autores e a observação de peças nos sugeriu :

Os motivos decorativos adoptados no séc. I d. C. são figuras (Est. XIX), vegetais (Est. XVI, XVII, XXVII) e animais (Est. XV-XVI), dispostos em métopas largas; quase sempre, estas encontram-se separadas por linhas onduladas e linhas de ângulos combinadas em grupos de 5 ou 7 e mesmo 9 (Est. XX). Semelhante esquema é frequente nos vasos de forma *Drag. 29*, constante em *Drag. 30*, e não é raro na forma *37*, correspondendo a um gosto relativamente tardio, em voga no período Domiciano; usou-se muito nas oficinas de Banassac (1).

Pelos finais do séc. I a região decorada é dividida horizontalmente em duas zonas, esquema que se tornou predominante no séc. II. A decoração geometriza-se; os temas são menos variados e o desenho mais pobre. Usam-se primeiro rosetas ou círculos com motivos interiores (mais frequentemente vegetais, mas não raro animais), alternando com figuras geométricas, verticais (Est. XIX), cuja função é a de separar, e que parecem representar uma sobrevivência da divisão metopada; em fase ulterior, um mesmo motivo, quase sempre um círculo, repete-se monotonamente em série contínua. Este é o estilo predominante na produção hispânica, de tal modo frequente que certos especialistas o designaram como um dos caracteres distintivos da *sigillata* peninsular.

Não é raro encontrar peças desenvolvendo um esquema que participa dos dois acabados de referir, especialmente formas de transição.

Já no século IV, surgem certas formas tardias cujo perfil recorda o vaso semi-esférico *Drag. 37*; a decoração faz-se em uma ou duas zonas e os motivos geométricos, (arcadas, círculos, motivos em forma de leque) não encontram paralelo além Pirenéus.

(1) *INTROD.*, pág. 98.

Estudo analítico

Vaso

Estampa I

1 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, pouco brilhante, muito denso e aderente. Pasta cor de tijolo, de grão finíssimo e branda. Forma *Drag. 37*. Mede 65^{mm} de altura total, 110^{mm} de diâmetro, 21^{mm} de bordo, 5^{mm} de altura de pé. Proveniente da Cítania de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Vaso de pequenas dimensões, de forma 37, com bordo ligeiramente reentrante, correspondente à forma mais antiga das oficinas sudgálicas. O pé tem um diâmetro muito pequeno o que sucede frequentemente na produção hispânica.

A decoração divide-se em duas zonas separadas por uma canelura de relevo pouco acentuado, segundo o esquema típico da forma *Drag. 37* produzida na Hispânia provavelmente já nos finais do séc. I, mas característica do séc. II durante o qual predominou aquela forma.

A zona superior é constituída por uma série de rosetas cruciformes de oito pétalas (*KNORR, 1919, fig. 11,17*). Na zona inferior desenrola-se uma sucessão de círculos concêntricos de três em três, o maior dos quais é formado por uma linha ondulada.

A técnica da decoração é pouco cuidada. Deve tratar-se de uma peça do começo do séc. II.

Fragmentos

Estampa II

2 — Moldado. Verniz brilhante, mas estaladiço, vermelho forte. Pasta cor de tijolo, dura e granulosa; fractura ondulada. Forma *Drag. 37*. Proveniente do Monte de S. Domingos, Louxada. Colecção Seminário Maior do Porto.

Nas suas linhas gerais este fragmento da forma 37 está de acordo com o modelo gálico. É de salien-

tar, porém, a grande altura do bordo levemente reentrante em relação à da zona decorada o que só tem paralelo em vasos da Gália oriental (Trajano-Antonino) (*INTROD.*, XI-XIII), e nos fabricados em Abella e Solsona, embora aqui a desproporção seja maior; o desequilíbrio da parede do vaso que, não ultrapassando 3^{mm} perto da base, atinge 1^{cm} no bordo, bem como o seu perfil muito oblíquo, dando-nos uma forma demasiadamente alta em relação à base, denunciadora de época de transição e, talvez, de uma influência alheia à tradição sudgálica (Cf. *FUIDIO*, *Ests. XXV e LVII*).

A decoração em métopas corresponde ao estilo usado na Hispânia, especialmente para as formas *Drag. 29* e *Drag. 30*, nos finais do séc. I (*MESQUIRIZ*, p. 38) e não conhecemos outro exemplar que conjugue como este o estilo de métopas, motivos unicamente vegetais e óvulos.

Com efeito, a zona decorada é limitada superiormente por duas caneluras de acusado relevo e uma linha de óvulos de traçado irregular e sem lingueta (*FUIDIO*, *Est. XVII e INTROD.*, *Est. XX, 104*).

O óvulo simples sem lingueta data do tempo de Augusto. Em Itália utilizaram-no PERENNIUS/NICEPHOR e NAEVIVS (*INTROD.*, *Est. II, 8, XXIV, 9*). Nas oficinas gálicas foi utilizado especialmente para decorar vasos da forma *Drag. 37*, mas há exemplo de ter decorado também a forma 30 como sucede na peça de Silchester registada por Oswald.

É característico da produção hispânica onde o motivo é pouco frequente e muitas vezes aparece substituído por outros elementos — círculos (1), pequenas conchas, linhas de ângulos horizontais (*MESQUIRIZ*, p. 38). A falta da linha de óvulos nos vasos de forma 37 tornou-se mesmo uma característica das oficinas peninsulares, enquanto que na produção gálica ela era não só um elemento típico desta forma como ainda obrigatório.

(1) Durante o período Flávio estes aparecem quase invariavelmente na forma 37, em vasos fabricados por LIRERTVS (Lezoux) (*INTROD. Est. XXVI, 14*).

As métopas são separadas por grupos de seis linhas onduladas verticais convergindo ligeiramente para a base e levando ao centro uma linha de ângulos.

Ambos os motivos são frequentes na indústria sudgálica a partir da época Cláudio-Nero, especialmente o primeiro, e tão abundantes nos exemplares da «terra sigillata» hispânica que se consideram uma das suas características, sobretudo quando conjugadas como no presente caso (OLERO, 1954, p. 4-7).

As linhas onduladas muito utilizadas para demarcar métopas em todo o período de transição aparecem a decorar a forma 37 sob os Flávios.

Motivos centrais das métodos: Palmetas (MORALES, *gráf. 37-c 2/3*). Motivo floral: Está bastante mutilado, mas parece semelhante aos motivos 20 e 22 (Bayona de Titulcia) (FUIDIO, *Est. LXIV*) e aos dos fragmentos *Drag. 29* e *Drag. 37* recolhidos em Tarragona (J. S. T. A., *Ests. XLII e XLIX*) e *Drag. 29* (A. E. A. 89-90, p. 231,7). Na base toda a decoração é limitada por uma fina canelura.

É muito difícil atribuir uma data precisa ao nosso exemplar. No entanto, conjugando os elementos mais típicos que nos oferece relativamente à forma e à decoração, poderemos concluir provavelmente pelas primeiras décadas do século II.

- 3 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, muito lustroso e aderente. Pasta cor de tijolo, bem elaborada; fractura levemente ondulada. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Coleção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Peça formada por dois fragmentos que nos dão a conhecer o bordo e a decoração de um vaso semi-esférico de perfil quase vertical tendendo para a forma de transição *Drag. 29/37*. A superfície decorada está dividida em duas zonas por duas caneluras de relevo pouco acentuado. A parte superior é formada por uma série de círculos concêntricos, o maior dos quais constituído por linha quebrada. A parte inferior é preenchida por uma série de cír-

culos, formados por linha ondulada, delimitando um motivo vegetal muito estilizado. Técnica pouco cuidada; relevo quase nulo. Situámo-la, cronologicamente, entre os últimos anos do séc. I e os primeiros do séc. II.

- 4 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, muito lustroso e aderente. Pasta rósea, finíssima; fractura lisa. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento de vaso de dimensões mais pequenas do que a dos dois anteriores. Ainda que não se conheça o pé, pode dizer-se que a sua forma corresponde exactamente ao tipo mais antigo e comum das oficinas sudgálicas.

A decoração reparte-se em duas zonas separadas por duas finas caneluras. A superior apresenta uma série de círculos formados por uma linha em relevo cortada regularmente a pequenos intervalos, no centro dos quais há umas pequenas folhas tripartidas de aparência nada insólita, mas de que não encontrámos precedente concreto.

Na zona inferior alternam dois motivos: um círculo semelhante aos da zona superior levando inscrita uma folha muito estilizada; e um elemento de separação de forma alongada e vertical terminando por uma folha análoga à que se encontra dentro dos círculos. Esta forma vertical utilizada para separar motivos foi largamente empregue na produção hispânica, como adiante teremos ocasião de referir, mas sempre com feição geométrica nos exemplares que vimos registados. Cronologicamente deve situar-se nos finais do séc. I.

Estampa III

- 5 — Moldado. Verniz vermelho claro, pouco brilhante, aderente. Pasta cor de tijolo grosseira e dura; fractura ondulada. Forma,

Drag. 37. Proveniente do Castro de S. Pedro, S.^{ta} Marta de Penaguião. Colecção Museu de Antropologia da Universidade do Porto.

Este fragmento de um vaso de tipo comum da forma 37 dá-nos o esquema geral de uma decoração distribuída em métopas separadas, provavelmente, de modo irregular. Os elementos de demarcação são os mais frequentes na cerâmica hispânica: grupos de três linhas onduladas e grupos de seis levando ao centro uma linha de ângulos cujo traçado elegante faz pensar numa estilização de folhas de acácia.

O lado inferior da métopa é também decorado por uma linha horizontal de ângulos (*J. S. E. A.*, 63, *Est. XI, 4 PALOL, Est. LXXXVIII*).

Os motivos figurados estão incompletos, mas é fácil verificar que se lhes não encontra paralelo entre os modelos sudgálicos.

O da esquerda, um leão, apresenta certas analogias, relativamente à posição e ao traçado, com o de um vaso de San Fernando de Henares (*FUIDIO, Est. LXIII, 15*) e os de dois fragmentos procedentes, um de Cartagena (*A. E. A.*, 88-89, p. 231) e o outro de Conímbriga, ainda inédito (Secção de Arqueologia do Museu Machado de Castro—Coimbra), sendo estes dois perfeitamente semelhantes. Também aparece em Juliobriga.

O leão foi utilizado por oleiros sudgálicos da época dos Flávios e o emprego de séries de animais em corrida, na forma 37, fez-se em La Graufesenque pela mesma data.

Sob o ponto de vista técnico a peça não oferece grande interesse, mas o esquema decorativo revela certa preocupação estética e o desenho é relativamente fino.

Cremos poder atribuí-la ao último quartel do séc. I.

6— Moldado. Vernis vermelho alaranjado, brilhante, estaladiço. Pasta vermelha, grosseira e irregular. Forma *Drag. 37.* Proveniente

do Castro de Ota, Alenquer. Colecção Museu de Antropologia da Universidade do Porto.

Este fragmento dá-nos um bordo ligeiramente reentrante de um vaso de forma 37 de pequeníssimas dimensões. A decoração formava, provavelmente, uma só zona e o tema decorativo não oferece grande interesse, dada a sua abundância (*MESQUIRIZ, Est. III, 6; FROTHINGHAM, Est. XII; J. S. E. A., 63, Est. IX, 1; J. S. E. A., 73, Est. VIII, 30*).

A moldura que separa o bordo da zona decorada e, devido a técnica descuidada, corta o círculo maior, tem uma forma nada comum e empresta ao fragmento um aspecto peculiar.

Data (?)

- 7 — Moldado. Verniz vermelho de tom alaranjado muito claro e intenso, lustroso, aderente. Pasta rósea, grosseira e duríssima, bem cozida; fractura ondulada. Forma *Drag. 37*. Proveniente do Castro de S. Pedro, Fontes, Santa Marta de Penaguião. Colecção Museu de Antropologia da Universidade do Porto.

Fragmento de um vaso semi-esférico com um bordo alto rematado por grosso lábio facetado e cuja parede interna acusa uma ligeira inclinação para o exterior.

A separação do bordo e da parte moldada faz-se por uma depressão sublinhada por ligeiros traços incisos.

A decoração fazia-se, provavelmente, em duas zonas, mas não é possível imaginar o seu esquema. Ambos os motivos correspondem à tradição sudgálica, mas não lhes encontramos precedente concreto. Não nos atrevemos a atribuir-lhe uma cronologia, ainda que relativa.

- 8 — Moldado. Verniz vermelho acastanhado, brilhante, espesso e aderente. Pasta amarelada, de grão muito fino, duríssima; frac-

tura ondulada. Forma *Drag. 37*. Proveniente de Granada. Colecção Seminário de Santiago de Braga.

Fragmento profusamente decorado em duas zonas separadas entre si por uma finíssima canelura. As suas estreitas dimensões não permitem uma ideia clara do esquema decorativo, mas cremos tratar-se de séries alternadas de dois motivos: na zona superior, grandes círculos denteados, bastante toscos, separados por três linhas verticais espinhadas de tamanhos diferentes, diminuindo para a esquerda, e encimadas por pequenos botões. Na zona inferior, repete-se o mesmo motivo alternando com dois círculos sobrepostos e decorados, o inferior com pequenas depressões alongadas, o superior com circulozitos cavados (Vilafranca de los Barros, *A. E. A.*, 89-90, p. 231).

A técnica da decoração é muito imperfeita e não se descobre nenhum princípio estético. Os motivos ultrapassam as molduras e o seu número foi mal calculado, de tal modo que chegam a cortar-se. Cremos estar diante de uma peça de cronologia avançada, dentro do séc. II.

9 — Moldado. Verniz vermelho forte, desigual e pouco brilhante, muito aderente. Pasta cor ocre, dura e gordurosa, de grão muito fino; fractura lisa. Forma *Drag. 37*. Proveniente de Granada. Colecção Seminário de Santiago de Braga.

Fragmento da base e da parede de um vaso de forma 37 saído indubitavelmente da mesma fábrica daquele que acabámos de descrever. A técnica da decoração é péssima; o oleiro distribuiu os motivos obtidos por meio de punções já gastos, sem atender a que lhes exigiam uma superfície maior do que a que tinha diante de si.

Merecem destaque os motivos em V (*VAES, MERTENS, Est. IV, 24*. Malines, último quartel do séc. I; *J. S. E. A.*, 63, *Est. IX, 20*. Solsona) e a figura vagamente animal que não conseguimos identificar.

Estampa IV

- 10 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, brilhante e aderente. Pasta cor de tijolo, homogénea; fractura lisa. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento de vaso de pequenas dimensões com bordo muito pouco saliente. A decoração visível é bastante rudimentar e reduz-se a um único motivo disposto em série uniforme: círculos concêntricos formados por uma linha em relevo cortada obliquamente, a pequenos intervalos, e oferecendo o aspecto de rosácea.

Este motivo não é original da produção hispânica; todavia, ainda que tenha conhecido certa difusão na Gália do Sul e atingido a Gália Oriental (Strasbourg) (*INTROD., Est. XIII, 7*), só era utilizado acidentalmente como elemento de conjunto. Na Península tornou-se frequentíssimo e muitos são os casos em que o círculo denteado aparece como o motivo-base ou único do esquema ornamental, sobretudo em vasos de forma 37.

Creemos, atendendo às características técnicas e à forma do bordo, poder situá-lo ainda dentro do séc. I.

- 11 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, sem brilho, muito fraco. Pasta cor de tijolo, de grão fino; fractura ondulada. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Este fragmento apresenta uma particularidade de forma: a altura diminuta do pé, quase nulo, característico da produção hispânica. A decoração segue o esquema do estilo a que Mesquiriz chamou «de zonas» e é limitada na base por dois finíssimos cordões.

O motivo impresso dentro dos círculos concêntricos tem relativa originalidade (há algo semelhante

em *FUIDIO, Est. LXIV, 23, Villaverde*) e está feito, como toda a decoração, num relevo muito baixo, mal se apercebendo, em alguns sítios, a linha de contorno.

A técnica da decoração é, como a do exemplar anterior, muito tosca. Devem situar-se cronologicamente em pleno séc. II.

- 12 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, sem brilho, aderente. Pasta branda cor de tijolo. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Parte de vaso de grandes dimensões, em dois fragmentos, de aspecto grosseiro e decadente. A decoração distribui-se em zonas separadas por dois cordões; conhecemos o desenrolar completo da parte superior cujo tema era formado por círculos concêntricos encerrando um crescente lunar, alternados com um elemento geométrico vertical.

Este motivo é muito frequente na cerâmica hispânica utilizado como motivo de separação, e é notável a grande difusão que conheceu (*MESQUIRIZ, p. 28*). Oferece uma grande variedade de tipos, mas essencialmente tem uma estrutura colunar e, como notou Balil, deve corresponder a uma tradição decorativa ibérica (*BALIL, p. 281, nota 12*).

O modelo presente tem correspondência em alguns fragmentos de Tarragona. Atribuimo-lo, com as devidas reservas, aos finais do séc. I ou começo do séc. II.

- 13 — Moldado. Verniz vermelho claro, alaranjado, brilhante e fraco. Pasta cor de tijolo viva, macia, de grão finíssimo. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Fragmento da parede de um vaso 37 cuja superfície está muito deteriorada, sobretudo nos relevos

pouco salientes. A decoração distribui-se em duas zonas separadas por duas caneluras e os motivos, que só incompletamente podem ver-se, foram ordenados em séries alternadas.

Na parte superior: dois círculos concêntricos, sendo o maior formado por linha ondulada e o menor cheio; bastão de desenho tosco relacionado com os do fragmento 24 e os de exemplares recolhidos em Tarragona.

Na zona inferior: folha de carvalho muito rudimentar (Cf. KNORR, 1919, fig. 8: CARVS, Cláudio-Nero); elemento de separação constituído por quatro cordões verticais levemente arqueados para a direita que vão inserir-se na moldura central. Supomos que corresponde aos finais do séc. I.

- 14 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado de tom vivo, sem brilho e fraco. Pasta cor de tijolo de grão finíssimo; fractura lisa. Forma *Drag. 37*. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Proveniente da Citânia de Briteiros.

Fragmentos da parte central de um vaso semi-esférico, decorado em duas zonas das quais se conserva a inferior com dois motivos alternados: círculos concêntricos em grupos de quatro e um elemento vertical formado por um pedúnculo com uma larga folha, muito estilizada, na extremidade superior (*J. S. T. A., 1934, 133, Est. XLIII*. Tarragona). Cremos poder atribuí-lo ao período de transição do séc. I para o séc. II.

- 15 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado muito lustroso e forte. Pasta rósea, dura e granulosa; fractura ondulada. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Dois fragmentos da parte central de um vaso de forma 37 cuja superfície modelada é separada do bordo por uma ligeira depressão e dois traços incisos.

A decoração divide-se em duas zonas e reduz-se a um único motivo ornamental. A zona superior, mais estreita, contém uma série de círculos concêntricos de três em três, sendo os dois maiores denteados. A zona da base leva a mesma ornamentação, mas aqui o motivo é formado por cinco círculos concêntricos, o maior dos quais traçado com linha ondulada, e o menor cheio. Não encontramos nenhum paralelo concreto, mas corresponde ao mesmo esquema decorativo e ao mesmo gosto que presidiu ao fabrico de algumas peças de Liédena (*MESQUIRIZ*, p. 23, 26 e 27) de Solsona (*J. S. E. A.*, 1924, 63, Est. X) e de Granada (exemp. n.º 26). É um produto do séc. 11.

Estampa V

- 16 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, pouco brilhante e fraco. Pasta rósea de branda contextura; fractura lisa. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Três fragmentos correspondentes à parte superior da superfície moldada de um vaso de forma *Drag. 37*, de grande formato. O esquema decorativo é o característico desta forma durante o séc. 11; duas molduras iguais separam o bordo da parte ornamentada e cortam esta em duas zonas.

O tema da decoração consiste num círculo denteado ao centro do qual vai toscamente impressa uma ave (pombo?) caminhando para a direita (*KNORR*, 1919, Est. 66, B); a sua filiação no repertório sudgálico é evidente, mas não lhe encontramos correspondente exacto. Dois pequenos botões sobrepostos alternam com os círculos (Cf. *J. S. E. A.*, 63 Est. X; *KNORR*, 1952, Est. 49, E).

O que resta da zona da base não autoriza a supor a sua composição. Tènicamente era uma peça fraca e encontra-se muito mal conservada, tendo os relevos quase desaparecido. Deve tratar-se de um produto da transição do séc. I para o séc. 11.

- 17 — Moldado. Verniz vermelho de tom vivo, pouco brilhante e fraco, muito estaladiço. Pasta cor de tijolo, de grão fino e macia. Forma *Drag. 37*. Proveniente do Castro de Romariz, Vila da Feira. Colecção Seminário Maior do Porto.

Fragmento da base que nos dá uma parte mínima da decoração, limitada por duas pronunciadas caneluras e uma linha incisa. Dois motivos, possivelmente em séries alternadas: círculo em linha ondulada (*J. S. E. A., Est. VII*), envolvendo uma roseta; linha ondulada vertical terminada por um botão. Deve tratar-se de um exemplar do período de transição do séc. I para o séc. II.

- 18 — Moldado. Verniz acastanhado e muito estaladiço, apenas diferenciável da pasta cor de tijolo e grosseira; fractura irregular. Forma *Drag. 37*. Proveniente do Monte de S.^{ta} Maria, Fiães, Vila da Feira. Colecção Museu de Antropologia da Universidade do Porto.

Fragmento de vaso de pequenas dimensões, de factura muito grosseira e em péssimo estado de conservação.

A parte decorada, estreitíssima, está dividida em duas zonas idênticas, separadas entre si e do bordo por dois grossos cordões e limitadas na base por uma estreita, mas acentuada depressão.

Ambas as zonas são totalmente preenchidas por dois frisos de ângulos toscamente desenhados e em grande parte desaparecidos, correndo em sentidos inversos.

Não encontrámos nenhum paralelo para este emprego das linhas de ângulos, aliás tão características e diversamente utilizadas na *sigillata* hispânica.

Toda a peça denuncia um gosto e uma técnica muito decadentes o que, conjugado com o que sabemos sobre o restante espólio com que foi encon-

trada (*R. E. H.*, 1925, ano 2, 2; cf. frags. n.º 31 e 32), nos leva a pensar tratar-se de um exemplar dos últimos tempos da produção hispânica.

- 19 — Moldado. Verniz vermelho muito alterado. Pasta cor de ocre, branda muito estalada (um dos fragmentos deteriorou-se todo ao lavar); fractura irregular. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Dois fragmentos correspondentes à superfície moldada de um vaso cuja decoração está feita em duas zonas idênticas separadas por dois cordões de diferentes larguras. Em ambas se acha uma roseta cruciforme (cf. *J. S. E. A.*, 93, *Est. XXXVIII*, 19. Tarragona) alternando com um motivo vertical em forma de folha muito estilizada e plurinervada.

A técnica da decoração é muito tosca e os motivos foram impressos com punções já muito gastos. Devia ser uma peça curiosa, de época tardia.

- 20 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, muito aderente e pouco brilhante. Pasta cor de tijolo, muito macia. Forma *Drag. 37*. Proveniente do Castro de Sendim (?), Felgueiras. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Dois fragmentos contíguos de um vaso decorado em duas zonas marcadas por delgada canelura e divididas em pequenos quadros separados entre si por grupos de quatro linhas onduladas, na parte superior, e três na inferior, ao meio das quais há uma linha de ângulos: Os quadros são totalmente preenchidos por círculos concêntricos, sendo o mais pequeno cheio.

A peça tem interesse como exemplar de um tipo para o qual não achámos precedente. É de factura grosseira e mau desenho, revelando certa decadência.

Supomos tratar-se de um produto de transição, datável dentro da primeira metade do séc. II.

Estampa VI

- 21 — Moldado. Verniz vermelho e brilhante, fino, mas aderente. Pasta cor de tijolo, macia; fractura lisa. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento de vaso cuja decoração se distribui em métopas numa só zona que ocuparia toda a superfície ornamentada de modo muito variado o que faz dele um exemplar importante para o estudo da *terra sigillata* hispânica decorada, onde predomina o gosto da distribuição simétrica e a repetição monótona dos motivos fortemente geometrizados.

Este esquema decorativo — superfície do vaso toda preenchida por motivos distribuídos em métopas, ocasionalmente limitadas superior ou inferiormente por um friso de ângulos, apareceu num período relativamente tardio e tornou-se frequente no período de Domiciano. Oswald crê que o seu uso se tenha feito particularmente nas oficinas de Banassac (*INTROD., p. 98*).

A divisão das métopas é muito simples, feita por uma linha de ângulos que é o elemento predominante da decoração, enquadrado à esquerda e à direita por duas linhas onduladas.

Idêntico friso de ângulos encerrado entre dois finíssimos cordões limita inferiormente toda a zona ornamentada. Este motivo foi muito usado nas oficinas gálicas, especialmente como limite inferior do desenho, na forma *Drag. 37*. Apesar das alterações sofridas ao longo da sua larga evolução, em diferentes períodos, encontra um estreito paralelo, tanto no traçado como na função, num exemplar micénico (*INTROD., p. 102, Est. XXXVII, 83, 84 e 85*).

Utilizaram-no nas oficinas rutenas no último quartel do séc. I, entre outros, MEDDILLVS, FELICIO, MURRANVS e CRESTIO. Durante o período Antonino é já muito raro na produção de Lezoux, mas perdura até muito tarde na cerâmica da Gália Oriental (*INTROD., p. 102*).

Na produção hispânica encontramos exemplares idênticos em Solsona (*J. S. E. A., 1924, 63, Est. XI*

e XII), Tarragona, Almendralejo (*PALOL, Est. LXXXIII*) e Cartagena (*A. E. A., 89-90, p. 231, 4*).

O espaço rectangular das métopas é dividido horizontalmente por linhas de pequenos ângulos, correndo em sentidos inversos, divisão característica do período de transição — época flávia — tipicamente representada nos trabalhos assinados por CRVCVRO (fins do reinado de Domiciano).

As linhas oblíquas que separam os motivos figurados são também próprias dos finais do séc. I.

Métopa à direita: o motivo central é uma roseta (*VAES e MERTENS, Est. IV, 40*), situada no vértice de um triângulo esósceles, formado por linhas de ângulos, dentro do qual vão dois pequenos círculos concêntricos. Fora dele, à esquerda, uma pequena ave com o pescoço voltado para a direita debicando as asas (*Cf. FUIDIO, Est. LXIV, 11, Villaverde; KNORR, 1952, Est. 56 L, Nijmegen*); em baixo, circulozitos concêntricos.

Métopa à esquerda: na zona superior parece descobrir-se um quadrúpede erguido sobre as patas traseiras; na inferior, emoldurada no lado horizontal superior por um friso de ângulos, o tema central é uma ave (ganso?) caminhando para a direita sobre duas linhas divergentes de espiga pequena e círculos concêntricos.

Trata-se de um produto hispânico cuja filiação gálica é evidente, mas sem precedente concreto conhecido. É interessante notar a semelhança que apresenta quanto ao gosto decorativo, à forma de alguns motivos e à sua execução, com o vaso de Almendralejo estudado por Palol em breve comunicação, magnífica pelo escrúpulo e espírito de síntese com que está feita.

Cronologicamente, cremos que deve situar-se nos últimos anos do séc. I.

22 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, brilhante, pouco aderente. Pasta amarelada de grão muito fino; fractura ondulada. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Três fragmentos de um vaso decorado no estilo «de zonas». Molduras formadas por duas caneluras de relevo pouco acentuado, limitam a decoração ao centro e junto do bordo. A zona superior é preenchida por uma série de círculos denteados entrelaçados, tema idêntico ao de um fragmento (*Drag. 37?*) encontrado em Solsona (*J. S. E. A., 63, Est. IX*) e ao de outro (*Drag. 29*) assinado OF. NIGRI AΩ (Banassac) (*KNORR, 1952, Est. 47, E*).

A mesma composição aparece já em La Graufesenque em vaso de forma 29 fabricados por MELVS e ALBVS (Cláudio-Nero) e em Liédena numa peça de forma 29/37 de *Drag.*

Por sua vez, a parte inferior leva uma série de círculos igualmente denteados, encerrando um motivo apenas perceptível.

A sua cronologia deve estabelecer-se, segundo cremos, em pleno séc. II.

- 23 — Moldado. Verniz alaranjado escuro, sem brilho; pouco aderente. Pasta rósea de grão fino; fractura lisa. Forma *Drag. 29?* Proveniente da Citânia de Briteiros. Coleção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento de vaso, provavelmente da forma *Drag. 29* com carena pouco acentuada, como é frequente nesta forma dentro da produção hispânica.

A decoração está feita em métopas separadas entre si por grupos de seis linhas onduladas ao meio das quais vai uma linha de ângulos. Os lados horizontais das métopas são também emoldurados por friso de ângulos.

A decoração devia ser toda muito equilibrada e simples, levando cada um dos quadros um motivo central independente. Não se conserva mais do que uma figura humana de pequenas dimensões, possivelmente um Mercúrio.

Encontramos algo vagamente semelhante num molde de forma 29 muito tosca (*C. H. P. III, n.º 2, p. 144*).

O nosso exemplar apenas conserva dois atributos: bolsa e calçado alado.

A separação das zonas e a sua limitação é feita por finíssimos cordões, não levando sobre o ângulo da carena, marcado por uma ligeira depressão, nenhum motivo decorativo.

Cronologicamente, não deve ultrapassar o último quartel do séc. I.

- 24 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, sem brilho, aderente. Pasta cor de tijolo forte, muito dura; fractura ondulada. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Grande fragmento da base de um vaso decorado em duas zonas limitadas por caneluras de relevo pouco acentuado. A parte inferior que é a que se nos oferece, desenvolve um tema frequentíssimo na *sigillata* hispânica, traçado com um desenho largo e rude: círculos denteados concêntricos alternando com um motivo vertical geométrico.

A técnica da decoração é muito tosca; inclusivamente, alguns relevos apresentam-se repuxados por o vaso ter sido retirado do molde antes de bem seco. Trata-se, possivelmente, de uma peça da primeira metade do séc. II.

- 25 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, brilhante, mas estaladiço. Pasta rósea, fina e muito macia. Forma *Drag. 37* (?). Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Pequeno fragmento da superfície curva de um vaso cuja decoração se reparte em duas zonas separadas pela clássica moldura feita com dois cordões de relevo muito baixo. É um exemplar de factura rude e deve corresponder a uma forma de transição entre as formas 29 e 37 como parece descobrir-se

na indecisão do seu perfil e no esquema decorativo em que se acham fundidos o «estilo de zonas» e a divisão metopada.

Os motivos são tipicamente hispânicos: triglifo de linhas onduladas; simples cordão vertical rematado na base por um botão; círculo denteado encerrando um motivo em semi-círculo que não tem paralelo fora da produção hispânica. Deve situar-se nos últimos anos do séc. I.

Estampa VII

- 26 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, fraco e desigual. Pasta amarelada de grão fino, mal elaborada e muito dura; fractura irregular. Forma *Drag. 37*. Proveniente de Granada. Colecção Seminário de Santiago de Braga.

Fragmento da parte central de um vaso semi-esférico cuja decoração está feita em duas zonas de larguras diferentes separadas e limitadas por simples caneluras, e idênticamente preenchidas por séries de círculos concêntricos que acompanham a largura das zonas correspondentes.

Os círculos, denteados, são toscamente desenhados e impressos, e correspondem ao tipo mais comum e difundido na Hispânia. Encontrámo-lo em Solsona, Abella, Tarragona, Liédena, Conímbriga, Briteiros, Cartagena, etc. Os relevos estão repuxados devido a uma desenhamento prematura. Cronologicamente, deve corresponder a um período avançado dentro do séc. II.

- 27 — Moldado. Verniz vermelho vivo, brilhante, muito espesso e aderente. Pasta cor de tijolo, de grão fino, muito dura; fractura irregular. Forma *Drag. 37* (?). Proveniente de Granada. Colecção Seminário de Santiago de Braga.

Fragmento de um vaso possivelmente da forma Drag. 37 decorado em duas zonas. A ornamentação é de factura muito tosca e apresenta um largo círculo em relevo cortado a breves intervalos em pequenos rectângulos estrangulados, emoldurando uma figura de ave (pombo?) com as penas e os dedos marcados. Dois pequenos círculos de grande relevo separam-no de outro motivo somente perceptível, mas de menores dimensões. Data (?).

28 — Moldado. Verniz vermelho-laranja, sem brilho, muito aderente. Pasta cor de tijolo dura e grosseira; fractura granulosa. Forma *Drag. 37*. Proveniente de Granada. Colecção Seminário de Santiago de Braga.

Técnicamente e pela pobreza da decoração, este fragmento é especialmente semelhante ao n.º 26 do nosso estudo.

Pertence à «zona» inferior de um vaso de forma 37 marcada por duas caneluras e pobremente decorada com dois círculos concêntricos, denteados, alternando com outro de dimensões muito menores.

29 — Moldado. Verniz vermelho, brilhante, muito espesso e bem conservado na face externa; na face interna, polida, apenas se apresenta em forma de escorrimento excedente. Pasta rosa pálido, gordurosa e duríssima; fractura vítrea. Forma *Drag. 37* tardia. Proveniente de Granada. Colecção Seminário de Santiago de Braga.

Grande fragmento de um vaso de perfil curvo, muito aberto, a que falta infelizmente o bordo para o caracterizar convenientemente, mas que julgamos corresponder a um tipo evoluído e decadente da forma 37. É uma peça grosseira, de grandes dimensões; a parede atinge 20^{mm} de espessura perto da base.

A decoração oferece um aspecto invulgar e é distribuída numa larga zona, limitada em cima e em baixo por dois frisos de círculos que finíssimas caneluras emolduram.

O motivo central é formado por largo medalhão contendo a figura de um coelho correndo para a direita, pormenorizadamente traçado e com uma curiosa esquematização do pêlo que empresta volume ao desenho.

Dois pequenos círculos ponteados ladeiam o medalhão na parte inferior; este motivo é semelhante ao de um fragmento de forma 37 tardia de Villafranca de los Barros (*A. E. A.*, 89-90, p. 231).

Círculos albergando rosetas de nove pétalas:

Cf. A. E. A., 89-90, p. 231.

O coelho é muito pouco frequente na sigillata hispânica; só encontrámos a sua representação num fragmento procedente de Cartagena. No Sul da Gália conheceu uma grande difusão, mas sempre em posição de repouso. O coelho sentado é típico de GERMANVS, MOMMO, OF. MASCVI, BIRAGIL. Data (?).

Estampa VIII

30 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, muito brilhante, ainda que pouco aderente. Pasta cor de tijolo de grão muito fino: fractura levemente ondulada. Forma *Drag. 29*. Proveniente do Castro de S. Julião, Caldelas. Colecção Seminário de Santiago de Braga.

Grande fragmento de vaso de pequenas dimensões cuja forma nos parece corresponder a um período de transição. As linhas gerais do perfil são da forma 29 com bordo simples, aberto, e lábio grosso, correspondente aos tipos introduzidos pelas oficinas de Lezoux e principalmente pelos primeiros oleiros da Gália oriental. Oswald situa-os na viragem do primeiro para o século segundo (*INTROD.*, p. 104, *Est. XXVIII, 10 e 12*).

Na produção sudgálica a grande abertura do bordo caracteriza o período de Cláudio. O lábio

muito saliente, semi-circular, é característico de formas avançadas e frequentíssimo na cerâmica hispânica, sobretudo em vasos Drag. 37.

Na face interna não se descobrem as duas estrias típicas da forma 29. É de lamentar que o fragmento não atinja a zona da base, nem sequer nos permita apreciar a curvatura da carena, porque é uma das peças mais interessantes que recolhemos.

Outra nota particular consiste na carência absoluta de qualquer motivo a limitar superiormente a zona decorada, no lugar de inserção do bordo que está marcada por uma depressão na superfície do vaso. Cremos, com base na bibliografia consultada e em algumas observações pessoais, que isto é tipicamente hispânico e aparece com frequência em vasos de forma 37.

A decoração reparte-se em duas zonas separadas por uma finíssima canelura de modo perfeitamente idêntico o que lhe dá um aspecto monótono, mas não destituído de interesse, pois está feita com certo cuidado e o seu aspecto geral sugere um trabalho de metal cinzelado.

São apenas dois os motivos decorativos: círculos concêntricos em grupos de três (*MESQUIRIZ, Est. III*), alternando com uma figura geométrica (*J. S. E. A., 63, Est. VII, 6; J. S. T. A., Est. XLIII*). Não só o motivo vertical é idêntico ao do molde achado em Solsona, mas ainda o esquema decorativo, aí largamente representado, as dimensões das duas zonas e a canelura que as separa.

Por todas as características analisadas parece-nos estar diante de uma peça antiga, relativamente à produção hispânica da segunda metade do séc. I.

- 31 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, sem brilho, muito fraco; reduz-se quase a um simples aparelho. Pasta cor de tijolo de tom fortemente amarelado, de grão fino; fractura com ligeira ondulação. Forma *Drag. 37* tardia. Proveniente do Castro de Fiães. Colecção Museu de Antropologia da Universidade do Porto.

- 32 — Apresenta as mesmas características do exemplar anterior; a pasta é um pouco mais grosseira. A mesma proveniência e colecção (1).

Ainda que pertencentes a vasos distintos, estes dois grandes fragmentos são evidentemente da mesma forma a que conservamos a designação de *Drag. 37*, mas que representa uma fase muito avançada na evolução desta forma; não encontramos nenhuma correspondência exacta para este tipo, embora esteja aparentado com vasos tardios da Gália Oriental (séc. III) e vários exemplares hispânicos cuja forma não é muito frequente, mas conheceu uma grande difusão. Aparece sobretudo em estações romano-cristãs do Norte de Portugal e de Espanha (Sacoias, necrópole de Tarragona, Poza de la Sal, «Villas» romanas de Ramallete, Navarra e Liédena) juntamente com cerâmica estampada e formas decadentes dos finais do Império.

A decoração, em relevo, ocupa toda a superfície curva do vaso e distribui-se em duas zonas marcadas por acentuadas caneluras. O tema central é formado por arcos concêntricos no interior dos quais vai uma sucessão irradiante de segmentos com ponta cortada em bisel, na zona superior, e um friso de motivos em aspa, regularmente dispostos, na parte inferior. Na zona contígua ao bordo, mais estreita do que a da base, os arcos alternam com um grupo de oito cordões dispostos em leque.

Pequenos botões em forma de roseta muito estilizada distribuem-se irregularmente nos espaços livres entre os arcos da zona inferior.

A técnica da decoração é muito tosca e corresponde bem à péssima qualidade do verniz e ao

(1) Este fragmento já foi publicado e muito sumariamente estudado por F. Russel Cortez in «Da terra sigillata tardia, encontrada em Portugal» Viseu, 1951, pág. 18, fig. 5 e pág. 20, fig. 6.

fabrico grosseiro da pasta. Os motivos, distribuídos sem o menor cuidado, cortam-se ao acaso e, inclusivamente, avançam de uma zona para a outra ou ficaram interrompidos. Não possuem paralelo ou precedente algum fora da Península Ibérica. Cremos que se trata de uma decoração estritamente provincial, de tradição indígena, que será curioso e importante investigar cuidadosamente.

Fuidio regista um fragmento proveniente da «villa» romana de Villaverde (*Id.*, Est. LI, 1, p. 181) ao qual atribui a forma 29 de *Drag.* indígena, onde se encontra um motivo em arcos concêntricos muito semelhante ao da zona superior do nosso exemplar (*Cf. A. P. M.*, 1931-2, II-III, Est. XXVI) e que ele identifica à decoração «La Tène».

Segundo se deduz dos resultados obtidos na escavação sistemática de Villaverde (*FUIDIO*, p. 197), é de crer que a cerâmica aí encontrada não tenha ultrapassado os meados do séc. II.

Os nossos fragmentos, porém, cremos que devem situar-se em pleno séc. IV, não só pelas suas características intrínsecas como ainda pelo que se sabe de peças com eles relacionadas (*MESQUIRIZ*, p. 31-32; «*Principes de Viana*», 1949, Est. XXXIV) e do espólio do qual faziam parte, especialmente abundante em moedas, sobretudo do séc. IV, e cerâmica.

Mas esta persistência de um motivo tão pouco frequente e restrito à nossa Península pode ser bastante significativa e parece confirmar a nossa hipótese de uma tradição decorativa indígena que o influxo da nova cerâmica *sigillata* não fez perder-se, mas, pelo contrário, desenvolveu.

Estampa IX

- 33 — Moldado. Verniz vermelho forte, muito aderente. Pasta de cor pálida, gordurosa e muito dura; fractura vítrea. Forma *Drag.* 37 (?). Proveniente de Granada. Colecção Seminário de Santiago de Braga.

Fragmento da base de um vaso de pequenas dimensões a que atribuímos interrogadamente a forma 37; parece-nos representar um tipo de transição entre as formas 29 e 37, tanto pelo perfil como pelas características da decoração cujo esquema não é fácil supor e que revela uma factura cuidada, relativamente fina. O motivo principal é uma grinalda de traçado pouco vulgar, ainda que elegante e que se assemelha à de um vaso fabricado por INGENVVS (Tibério-Nero) (KNORR, 1919, Est. 40, A).

Este é um dos motivos mais frequentes da *sigillata* sudgálica, e de tradição mais antiga, pois remonta à cultura micénica; os seus modelos imediatos encontram-se na *terra sigillata* e nos trabalhos de metal da época de Augusto (INTROD. p. 160 e Est. XXXI). É característico da forma *Drag. 29*. Todavia, no período Flávio, apesar da introdução de temas mitológicos e cenas de « género » muito cultivadas por GERMANVS, este motivo puramente ornamental continuou a ser usado, por vezes exclusivamente, na decoração das formas 30 e 37 (INTROD. p. 135).

Sobre a grinalda, encontra-se uma concha ou folha idêntica às que decoram um vaso de forma 29 de Liédena e que não tem precedente exacto nas oficinas gálicas. Junto deste motivo resta um fragmento de outro que seria, pelo menos, um arco semicircular, na hipótese da decoração ser dividida em zonas.

Folha cordiforme: KNORR, 1952, Est. 35. Tibério — primeiros anos de Cláudio; KNORR, 1919, Est. 49 D, Est. 96, G; DIAZ 1952, 1-3, fig. 60, Múrcia; HERMET, Est. 9-6. Este tipo, relativamente pequeno, é o mais antigo da folha cordiforme e foi usado na época de Cláudio-Nero exclusivamente em grinaldas espiraladas (INTROD. p. 241).

A sua situação cronológica deve procurar-se dentro do último quartel do séc. I

- 34 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, brilhante, muito espesso e aderente. Pasta acastanhada e gordurosa, de grão fino, dura;

fractura ondulada. Forma *Drag. 29*. Proveniente de Granada. Colecção Seminário de Santiago de Braga.

Fragmento da zona superior de um vaso apenas ligeiramente carenado como é característico da produção hispânica, de forma 29 abastardada, e separada do bordo por duas estreitíssimas faixas com ligeira ornamentação incisa; é limitada por fina canelura.

São dois os motivos decorativos que ocupam toda a zona, em sentido vertical: um elemento vegetal arboriforme e um grupo de grandes motivos em V formados por uma linha em relevo cortada a pequenos intervalos. Data (?).

35 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, brilhante, muito aderente. Pasta rósea, de grão fino e dura; fractura ondulada. Forma *Drag. 29-37*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Fragmento de vaso de dimensões muito reduzidas, correspondente à forma híbrida 29-37 com bordo ligeiramente reentrante e lábio pronunciado. O ângulo da carena é pouco acentuado e sobre ele, a dupla linha de pérolas tão característica da produção sudgálica de boa época, está substituída por duas finíssimas caneluras emoldurando um friso de pequenas folhas horizontais. Esta zona central decorada foi largamente adoptada nos vasos de forma 37 de transição, i. e., de época flávia (*INTROD.*, p. 69, nota 2; *Est. XIV, 1, 6, 7*).

O resto da decoração distribui-se em duas zonas divididas em largas métopas por grupos de três linhas onduladas; na parte superior, os lados verticais das métopas são emoldurados por uma linha de motivos em V, sobrepostos, de que não encontramos algo semelhante fora da produção hispânica a não ser num fragmento dos finais do séc. I de Elewijt (*VAES e MERTENS, Est. IV, 24*). O motivo vegetal que devia

repetir-se com ligeira alteração em toda esta zona, teve uma inspiração sudgálica evidente, mas não lhe descobrimos precedente concreto (Cf. *FUIDIO*, *Est. LXIV*, *fig. 26*).

Na zona inferior havia um outro de que só restam, muito incompletas, três folhas verticais alongadas.

Oswald situa a forma gálica de transição correspondente a esta, nos últimos anos do séc. I e primeiros do séc. II. Atendendo sobretudo à decoração, muito típica, à qualidade do verniz e da execução, parece-nos que podemos fixar o nosso fragmento nos finais do séc. I.

- 36 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, forte e brilhante. Pasta cor de tijolo muito macia. Forma *Drag. 37* (?). Proveniente de Fiães. Colecção Museu de Antropologia da Universidade do Porto.

Fragmento da superfície curva de um vaso provavelmente de forma 37 cuja decoração se distribuía em duas zonas separadas por fina canelura de relevo pouco acentuado.

A parte superior apresenta uma sucessão de plantas coníferas cujo paradigma aparece já em vasos sudgálicos assinados por *MVRRANVS*, *GERMANVS*, *MARINVS*, *ARDACVS* e não é desconhecido das oficinas hispânicas (*J. S. E. A.*, 73, *Est. IV, II*) o que representa uma notável persistência. Na zona inferior, grandes círculos envolvendo uma roseta (*FROTHINGHAM*, *Est. XIX*; *J. S. E. A.*, 63, *Est. X*) que se repete em campo livre alternando com os círculos. Estes oferecem um traçado em dentes de serra pouco vulgar, mas que tem paralelo num vaso assinado por *LUCCEIVS* (*KNORR*, 1919, *Est. 48, 6*).

A roseta é de um tipo muito difundido; encontrámo-la em La Graufesenque num vaso de *MASCLVS* (*KNORR*, 1952, *Est. 69-B*).

A decoração é monótona e sem beleza, mas está feita com relativo cuidado e representa uma forma de transição. Deve situar-se entre os finais séc. I e começos do segundo.

- 37 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, forte e brilhante. Pasta rósea de grão fino e micácea; fractura lisa. Forma *Drag. 29*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Vários fragmentos da superfície decorada de um vaso de forma 29 dividida em duas zonas separadas por duas caneluras de traçado irregular. A parte superior é dividida em métopas por um elemento escaliforme de tradição peninsular: uma série de travessões em acusado relevo sobrepostos, limitados à esquerda e à direita por uma linha ondulada muito fina. Os quadros são preenchidos por três círculos concêntricos, sendo os dois maiores denteados.

Por sua vez, a zona inferior apresenta séries de círculos concêntricos de quatro em quatro e formados por uma linha em relevo, contínua, e o mesmo motivo de travessões em posição oblíqua.

O perfil oferece o aspecto de uma forma 29 avançada. Na face interna descobre-se uma das estrias características desta forma e que na produção sudgálica correspondiam, aproximadamente, às linhas limite da faixa superior do bordo (*INTROD., Est. III, 1-3*). Cremos que pode datar-se nos finais do séc. I.

Estampa X

- 38 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, brilhante e espesso. Pasta cor de tijolo, de grão fino, muito macia. Forma *Drag. 29*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Dois fragmentos da zona superior de um vaso de forma 29 separada do bordo por duas caneluras; sobre estas distingue-se uma linha de ângulos horizontal.

O tema decorativo, um festão conjugado com um pássaro sobre a abertura dos arcos, é um motivo directamente inspirado em modelos sudgálicos; encontramos um paralelo exacto em *PASSENVS (KNORR, 1952, Est. 48)*.

Usaram-no também VOLVS, FRONTINVS, AQUITANVS, CARVS, GERMANVS, o que traduz uma notável persistência.

Encontra-se ainda num fragmento de descuidado fabrico recolhido em Cartagena (Murcia) (*DIAZ, 1953, I, 1-3*), num vaso de forma 30 da colecção arqueológica da Universidade de Sevilha (*A. E. A., 1953, 2.º sem.*), na necrópole romano-cristã de Tarragona, num vaso de forma 29 de fabrico sudgálico e em outro de forma 37, hispânico (*J. S. T. A., 133, Ests. XL e XLIII*).

O motivo figurado representa um pombo com o pescoço voltado para a direita. É um dos temas mais frequentes desta cerâmica.

Encontra-se entre outros, em vasos com as marcas AMANDI, M. CRESTIO, MERCATO, SABINIMA, OF. LABIONIS, SEXIVLIVCVND?

A nossa figura é muito melhor proporcionada do que a dos exemplares gálicos e tem as penas da cauda e das asas marcadas com traços incisivos bem definidos, segundo um esquema de que só encontramos algo semelhante numa peça muito tardia da Gália Oriental (Lavoye) (*INDEX, IV, Est. LXXXV*).

O resto da decoração não iguala a beleza e a finura dos seus paradigmas sudgálicos; o traçado dos arcos é defeituoso e com empastamentos.

Do motivo terminal em forma de concha ou folha encontram-se paralelos em Solsona e Tarragona.

Deve situar-se dentro do último quartel do séc. I.

- 39 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, brilhante, muito aderente na face interna, mas estaladiço na exterior. Pasta cor de tijolo, muito fina e bem cozida; fractura lisa. Forma *Drag. 29*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Supomos que este fragmento pertence ao mesmo vaso que o anterior (38). O perfil e as características do verniz e da pasta são os mesmos. A decoração parece-nos também corresponder; todavia, o único motivo totalmente conservado, uma concha, apresenta um traçado ligeiramente diferente.

- 40 — Moldado. Verniz vermelho de tom vivo, brilhante, pouco aderente. Pasta cor de tijolo muito macia. Forma *Drag. 29*. Proveniente de Fiães. Colecção Museu de Antropologia da Universidade do Porto.

Fragmento de pequeno vaso de forma 29 com bordo muito moderado, quase vertical, e um perfil apenas muito ligeiramente carenado; no interior, leva as duas estrias típicas. A decoração visível oferece uma série de círculos concêntricos, formados por uma linha ondulada, distribuídos sem qualquer preocupação. Deve situar-se nos finais do séc. I.

- 41 — Moldado. Verniz vermelho e brilhante apresentando diferentes espessuras devido às irregularidades da superfície. Pasta rósea, grosseira; fractura ondulada. Proveniente de Granada. Colecção Seminário de Santiago de Braga.

Fragmento de um vaso de pequenas dimensões de forma indeterminada. A decoração, distribuída em duas zonas, é totalmente geométrica. Na parte superior desenrola-se uma sucessão de pequenas rosáceas; na inferior distingue-se um motivo semelhante alternando com um círculo maior que contém uma série de circulozitos dispostos em coroa. Atribuímo-la interrogadamente ao séc. II.

- 42 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, muito lustroso e forte, de boa qualidade. Pasta rósea, fina e bem cozida; fractura lisa. Forma 29 tardia. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento do bordo e da parte superior de um vaso a que atribuímos a forma 29 de um tipo avançado, possivelmente correspondente à forma 9 de Hermet. O bordo é muito aberto, assente sobre

finas molduras e com lábio bem pronunciado. Na face interna apresenta duas ranhuras, tendo a superior um certo ângulo de projecção como sucedia nos vasos sudgálicos de forma 29.

A decoração é tipicamente hispânica: círculos formados por linha ondulada com algum motivo ao centro, alternando com uma linha vertical rematada na extremidade superior por dois circulozitos concêntricos, motivo frequentíssimo cuja difusão se estende de Oviedo a Lixus (*MESQUIRIZ, p. 28*).

É interessante confrontar este fragmento com os números 46, 47 e 50 pela grande semelhança que há entre eles, tanto na forma e na técnica como na própria qualidade da pasta.

Creemos que a sua cronologia não pode ir além dos últimos anos do séc. I, mas só dentro de uma cronologia comparativa será possível fixar-lhe data precisa.

- 43 — Moldado. Verniz vermelho e brilhante, pouco homogéneo. Pasta amarelada, grosseira, fractura irregular. Forma *Drag. 37* (?). Proveniente de Granada. Colecção Seminário de Santiago de Braga.

Fragmento da superfície curva de um vaso provavelmente de forma 37 cuja decoração se reparte em zonas limitadas por finas caneluras. Na superior distingue-se uma pata de ave pernalta. Na zona inferior, mais estreita, um friso de rosetas formadas por seis pétalas alongadas (*Cf. VAES, MERTENS, Est. IX, 95, meados do séc. II*).

É uma peça de factura descuidada. Data (?).

- 44 — Moldado. Verniz vermelho acastanhado, brilhante, muito estaladiço. Pasta amarelada e branda; fractura lisa. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia (?). Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Pequeno fragmento de um vaso de fabrico muito pobre, incaracterístico. A decoração compreende um

motivo toscamente desenhado composto por dois círculos concêntricos, sendo o maior denteado. Data (?).

45 — Moldado. Verniz alaranjado, brilhante, muito pouco aderente. Pasta rósea de grão fino e mole. Forma *Drag. 29* tardia. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Grande fragmento de um vaso de forma 29 abastardada, com bordo pouco saliente, mas de grande abertura interior; leva as duas estrias características na face interna; o lábio denota também um período avançado.

O começo do bordo é marcado por uma funda depressão na superfície moldada.

A decoração é bastante original e invulgar; parece reduzir-se a uma única zona estreita, dividida em largas métopas por grupos de três linhas onduladas verticais.

Ao centro de cada métopa um único motivo: roseta cruciforme de oito pétalas (*J. S. T. A., 133, Est. XLII, HERMET, Est. 15, 97*). Deve situar-se, possivelmente, ainda dentro do séc. I.

Estampa XI

46 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado muito lustroso e forte. Pasta cor de tijolo bem fabricada; fractura lisa. Forma *Drag. 29* tardia. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento da parte superior de um vaso de forma de transição; a parede é perfeitamente vertical e o bordo pouco saliente.

A decoração reparte-se em duas zonas separadas por duas caneluras e divididas em métopas por linhas onduladas, agrupadas de três em três. As métopas

são emolduradas nos lados horizontais; a que leva um motivo vegetal ao centro, por frisos de pequenos botões; a que contém um motivo figurado animal (quadrúpede?), por linhas de ângulos.

Creemos que a sua cronologia deve estabelecer-se dentro da segunda metade do séc. I, não ultrapassando o período flávio.

- 47 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado muito vivo, brilhante, fortemente aderente. Pasta rósea, de grão finíssimo; fractura lisa. Forma *Drag. 29* tardia. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento do bordo e da parte superior de um vaso idêntico ao anterior. A decoração distribui-se também em zonas; a superior é dividida em métopas por grupos de seis linhas onduladas ao meio das quais está uma linha de ângulos de elegante traçado. Sob a moldura que separa as zonas decorativas, descobre-se um friso de ângulos. Supomos tratar-se de uma peça dos finais do séc. I.

- 48 — Moldado. Verniz alaranjado pálido, brilhante, muito aderente. Pasta rósea de grão fino; fractura lisa. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento da parte inferior de um vaso semi-esférico cuja decoração está distribuída em largas métopas e limitada apenas por uma fina linha incisa. A separação das métopas é feita por uma linha de ângulos, de traçado muito fino, limitada à esquerda e à direita por três delgadas linhas onduladas. O mesmo motivo de ângulos, com diferente desenho, emoldura os lados horizontais das métopas; por sua vez, os lados verticais levam uma linha ondulada rematada em cima por trifólios e em baixo por um pequeno botão.

O tema central das métopas é constituído por figuras humanas: à esquerda, uma personagem (feminina?) muito esquematizada e de aspecto ritual, vestida com túnica cingida e encostada a uma coluna, ergue-se sobre um pedestal. À direita, uma figura também infelizmente incompleta, caminha para a direita segurando algo (bolsa?) na mão o que mal se distingue devido a empastamento; tem o corpo cingido e calçado alado. Tratar-se-á ainda aqui de uma representação de Mercúrio? Sob a figura, uma roseta.

Em nenhuma das obras que nos foi dado consultar encontramos qualquer paralelo para as nossas figuras; todavia, parecem-nos derivados de oficinas rutenas onde os assuntos mitológicos se tornam frequentes na época flávia, exclusivamente em vasos de formas *Drag. 30 e 37 (INTROD., p. 135)*. No período de transição entre o primeiro e o segundo século (Domiciano-Trajano) há uma tendência nítida para dar um lugar de relevo, dentro do esquema decorativo, aos motivos figurados, sobretudo em Lezoux (*INTROD., p. 100*).

É notável a semelhança que, técnica e estilisticamente, este fragmento apresenta com o exemplar 21 do nosso estudo e o vaso de Almendralejo que a propósito daquele já citámos; inclinámo-nos a pensar na existência de uma única oficina de onde tenham saído as três peças. Trata-se, indubitavelmente, de um produto da segunda metade do séc. I.

49 — Moldado. Verniz alaranjado, brilhante, muito duro e aderente. Pasta rósea, granulosa e dura; fractura ondulada. Forma *Drag. 30*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Fragmento de um vaso de perfil de forma cónica, bem acentuada, usada na Gália em diferentes épocas, mas mais frequentemente em tempos flávios (*INTROD., Est. VII e VIII*); correspondem-lhe na Hispânia, os exemplares da necrópole de Palência (*s. MARTIN, fig. 1*) e de Liédena (*MESQUIRIZ, p. 21*).

No ângulo formado pelo fundo, de tendência horizontal, com a parede do vaso, descobre-se um relevo em meia cana típico da forma lisa *Drag. 15-17* de La Graufesenque na época cláudio-flaviana (*INTROD.*, p. 173-80, *Est. XLII e XLIII*), e que se tornou característica das formas *Drag. 31 e 30* de fabrico hispânico.

A decoração distribuía-se em métopas demarcadas por grupos de seis linhas onduladas ao meio das quais há uma linha de ângulos. Uma dupla moldura formada por frisos de ângulos, pérolas, pequenos rectângulos estrangulados e pontas de seta cujo traçado e arranjo é vagamente aparentado com um fragmento achado em Juliobriga (*MORALES, graf. 44-ca[9]*), encaixilhavam os painéis. Estes deviam ser subdivididos como deixa supor a linha oblíqua rematada por uma pérola.

O esquema decorativo metopado utilizou-se nesta forma já no período Claudiano e esteve em voga até aos Antoninos, mas é típico da época Flávia.

O nosso exemplar deve situar-se de modo relativamente concreto pelas duas últimas décadas do séc. I.

50 — Moldado. Verniz alaranjado, muito brilhante, aderente. Pasta rósea desigual; fractura irregular. Forma *Drag. 29* tardia. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Dois fragmentos de um vaso de forma 29 de transição, decorado em duas zonas divididas por grupos de três linhas onduladas, muito finas, em largas métopas.

Os lados horizontais superiores são emoldurados por um friso de ângulos pequenos. O motivo central consta de uma roseta cruciforme formada por uma cruz vertical geométrica e outra oblíqua de pétalas alongadas (*PALOL, Est. LXXX; KNORR, 1919, p. 91*); ambos os vasos, respectivamente da forma 30 e da forma 29, pertencem ao período Nero-Domiciano. Estamos em face de um produto do último quartel do séc. I.

- 51 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, pouco brilhante e fino, mas aderente. Pasta cor de tijolo, bem fabricada; fractura lisa. Forma *Drag. 30*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Pequeno fragmento de parede vertical cuja decoração deixa entrever um motivo em «cruz de Santo André». Este motivo, muito frequente na cerâmica sudgálica, desde o início do seu fabrico (*INTROD., p. 240*), é característico no período flávio (*INTROD., p. 102*). Data (?).

- 52 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, brilhante e forte. Pasta cor de tijolo, de grão fino; fractura ondulada. Forma *Drag. 29*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento da parte superior de um vaso completamente carenado, correspondente ao tipo usado no tempo de Cláudio; sobre o ângulo da carena, duas caneluras semelhantes às que limitam a decoração na linha do bordo.

O espaço decorado está dividido em métopas por grupos de quatro (?) linhas onduladas que ultrapassam a moldura superior e uma espiga de ângulos elegantemente traçados, idêntica à que MASCLVS utilizou (Cláudio — primeiros tempos de Vespasiano, *INTROD., Est. X, 3*). À esquerda, distingue-se a parte traseira de um cão, finamente modelado como toda a decoração que podemos apreciar.

Deve tratar-se de uma peça das mais antigas dentro da produção hispânica da segunda metade do séc. I.

- 53 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, pouco brilhante e fraco. Pasta cor de tijolo, de grão fino; fractura ondulada. Forma *Drag. 30*.

Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento da parte inferior de um vaso cilíndrico cuja decoração se distribuía em métopas separadas por uma linha de ângulos, verticais, marginada por duas linhas onduladas. O motivo central é formado por uma «cruz de Santo André» ligeiramente convergente para a base o que só costuma suceder sobre paredes carenadas (*HERMET, p. 54*).

O quadro, reforçado, e os braços laterais, são constituídos por linhas onduladas. Do centro partem dois pedúnculos lisos rematados por uma folha cordiforme plurinervada formando um tipo de decoração aderente regular. O pé é nulo e a ornamentação da cabeça incompleta (Cf. *HERMET, Est. 72, 7*). Data (?).

Estampa XII

54 — Moldado. Verniz vermelho acastanhado, brilhante, pouco aderente. Pasta cor de tijolo de grão fino; fractura ondulada. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento da parte inferior de um vaso cuja decoração se distribuía em métopas separadas por grupos de seis linhas onduladas verticais levando ao centro uma linha de ângulos; friso idêntico emoldura o lado horizontal da métopa onde se distingue uma pata dianteira, flectida, de um mamífero. Cremos poder situá-la nos finais do séc. I.

55 — Moldado. Verniz vermelho, sem brilho, muito fraco. Pasta acinzentada, desigual e mole. Forma indeterminável. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Museu de Antropologia da Universidade do Porto.

A decoração está mal conservada e um dos motivos é apenas perceptível. Folha: é um motivo semelhante ao que se encontra em produtos assinados por AV·I·IO (*KNORR, 1919, Est. 10*). Data (?).

- 56 — Moldado. Verniz vermelho, pouco brilhante e fino, mas aderente; fractura levemente ondulada. Forma indeterminável. Proveniente do Castro de S. Julião, Caldelas. Colecção Seminário de Santiago de Braga.

Fragmento de vaso com decoração metopada análoga ao número 54 do nosso estudo, interessante por ser mais um exemplar de representação da figura humana na produção hispânica. Data (?).

- 57 — Moldado. Verniz vermelho acastanhado escuro e sem brilho, aderente. Pasta cor de tijolo, fina e macia; fractura lisa. Forma indeterminável. Proveniente de Felgueiras. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Pequeníssimo fragmento com decoração geométrica de círculos concêntricos; factura rude. Data (?).

- 58 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, fino, aderente. Pasta cor de tijolo, bem fabricada; fractura ondulada. Forma *Drag. 30*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Pequeno fragmento de um vaso cilíndrico cuja decoração, original e muito cuidada, se distribuía em métopas enquadradas por linhas onduladas. O motivo central é constituído por dois grifos afrontados para os quais não descobrimos paralelo exacto. É um motivo relativamente frequente na *sigillata* gálica, mas obedecendo sempre ao mesmo modelo, especialmente tratado por G. ANPATR. (*KNORR, 1919, Est. 21*), COSIVS RVFVS, CRESTIO, M. CRESTIO, MOMMO.

Esta posição das duas figuras é também comum em produtos sudgálicos, decorados em «estilo livre» a partir dos Flávios.

Sobre este motivo corre uma série de pequenas aves (gansos) com o pescoço voltado à direita e as penas das asas marcadas.

Na parte superior do fragmento distinguem-se duas linhas onduladas sobre as quais é possível que houvesse um friso de óvulos, na composição característica do período de transição (*INTROD.*, p. 158). Também é possível que desempenhassem a função do óvulo.

Supomos, a partir dos elementos analisados, que deve tratar-se de um produto dos finais do séc. I, ou princípio de séc. II.

- 59 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado escuro e pouco brilhante, aderente. Pasta rósea, homogênea e macia. Forma *Drag. 37* (?). Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Pequeno fragmento provavelmente correspondente à parte inferior de um vaso de forma *Drag. 37* como deixa supor o friso de ângulos, emoldurado por duas finas caneluras, característico desta forma como limite inferior de toda a decoração (Cf. número 21 do nosso estudo). Desta, apenas se conserva a quarta parte de um motivo de círculos concêntricos envolvendo uma roseta. Data (?).

- 60 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, fraco. Pasta rósea, bem fabricada; fractura lisa. Forma indeterminável. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Pequeníssimo fragmento cuja decoração se distribuía em métopas subdivididas longitudinalmente

por frisos de ângulos. Motivo vegetal' (*FUIDIO*, *Est. LXIV, 24*; *HERMET*, *Est. 50, 54*, La Graufesenque).

Deve tratar-se de um produto do fim do séc. I.

- 61 — Moldado. Verniz vermelho pálido, sem brilho, fortemente aderente. Pasta rósea, finíssima; fractura ondulada. Forma indeterminável. Proveniente da Citânia de Brei-teiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento da parte inferior de um vaso de pequeníssimas dimensões, possivelmente de forma *Drag. 37*. A decoração é constituída por motivos vegetais e geométricos. Os primeiros são muito fragmentados não se podendo mesmo imaginar o motivo da esquerda.

A linha em forma de serrilha da folha central é frequente na cerâmica sudgálica nomeadamente de La Graufesenque, representada por IVCUNDVS, CADMVS, MACCARVS, LABIO, NAMVS, VADERIO, (14-79 d. C.), (*KNORR*, 1952, *Ests. 31, 12, 35, 32, 46*; *KNORR*, 1919, *Est. 80*).

O friso constituído por pequenos círculos concêntricos é algo semelhante ao que decora a forma 13 do conjunto de Liédena (*MESQUIRIZ*, *Est. III*), e um vaso de Villaverde a que Fuidio atribui a forma 29 (*FUIDIO*, *Est. XLIX*). Data (?).

- 62 — Moldado. Verniz coralíneo, brilhante, estaladiço. Pasta vermelha, de grão muito fino; bem fabricada. Forma indeterminável. Proveniente do Castro de S. Julião, Caldelas. Colecção Seminário de Santiago de Braga.

Fragmento de um vaso com decoração metopada. O único motivo que pode apreciar-se convenientemente é um dos mais típicos e vulgares da *sigillata* hispânica: grupos de seis linhas verticais onduladas e

linha de ângulos; o relevo é muito fino e bom. Cronològicamente, trata-se de um produto da segunda metade do séc. I.

Estampa XIII

- 63 — Moldado. Verniz vermelho acastanhado e brilhante, estaladiço. Pasta rósea, de grão fino e homogéneo; fractura levemente ondulada. Forma *Drag. 37* (?). Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento da parte inferior de um vaso cuja decoração está dividida em métopas por linhas onduladas e limitada, inferiormente, por uma acentuada estriagem. Podem apreciar-se incompletamente duas palmas peraltadas semelhantes, no traçado e na disposição, às de um vaso de forma 37 de Villaverde (*FUIDIO, Est. LVIII*). Deve situar-se dentro dos últimos anos do séc. I.

- 64 — Moldado. Verniz vermelho, acastanhado e sem brilho, forte. Pasta rósea de grão finíssimo; fractura vítrea. Forma *Drag. 30*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento da parte superior de um vaso de forma 30 decorada com um friso de óvulos muito baixos e largos (Cf. *INTROD., Est. XXX-112*) sem lingueta e marcados, a breves espaços, com traços incisivos, processo raro que se encontra num vaso de Rotweil com a marca CIBIVS FEC. (Trajano-Antonino).

O óvulo sem lingueta é característica da decoração hispânica; encontra-se também frequentemente na Gália Oriental (*IANVS, REGINVS, VALENTINVS, CIBISVS*).

Julgamos poder situá-lo em pleno séc. II.

- 65 — Moldado. Verniz vermelho acastanhado e sem brilho, forte. Pasta rósea de grão finíssimo, dura; fractura vítrea. Forma *Drag. 30* (?). Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Pequeno fragmento da parte superior de um vaso no qual podemos apreciar um friso de óvulos formado por dupla linha, sem lingueta, e encimado por uma larga canelura de pouco relevo com uma linha de ângulos incisos.

Os óvulos são incompletos denunciando um punção já gasto e levam no campo uma decoração apenas visível.

Pela pasta e verniz parece saído da mesma oficina que o anterior.

- 66 — Moldado. Verniz acastanhado, brilhante, muito estaladiço. Pasta cor de tijolo, mole. Forma *Drag. 29*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Fragmento de um vaso de forma 29 de transição decorada em duas zonas separadas entre si pelas duas caneluras características da forma *Drag. 37*. Tríglicos de linhas onduladas combinados com uma linha de ângulos, separam as métopas cujos lados horizontais levam um friso de pequenos ângulos com pontas recurvadas. O mesmo motivo pode apreciar-se em vasos de Villaverde, Almendralejo, Solsona, Tarragona e Cartagena.

A sua cronologia deve estabelecer-se pelos finais do séc. I.

- 67 — Moldado. Verniz vermelho e brilhante, aderente. Pasta cor de tijolo, de grão fino, macia. Forma *Drag. 29*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Fragmento da zona central de um vaso de forma 29 com carena pouco acentuada, decoração metopada e

temas figurados. A sua inspiração em produtos sud-gálicos é evidente e muito curioso o arranjo decorativo sobre o ângulo da carena: a dupla linha de pérolas tão característica da *sigillata* gálica está substituída por duas finas caneluras o que é frequente nos produtos hispânicos e encontra paralelo na cerâmica tardo-italica; entre eles, ocupando o espaço que na época de Tibério costumava levar uma decoração feita com roleta, um friso de pérolas.

Julgamos poder atribuir esta peça ao período Flávio.

- 68 — Moldado. Verniz vermelho alaranjado, pouco brilhante, estaladiço. Pasta rósea, dura; fractura ondulada. Forma indeterminável. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Pequeno fragmento de um vaso cuja decoração se distribuía em métopas delimitadas por linhas onduladas. Pode apreciar-se, quase integralmente, um grifo voltado à esquerda, em posição de salto; não tem precedente directo. Deve tratar-se de um produto da segunda metade do séc. I.

- 69 — Moldado. Verniz vermelho acastanhado, fino e aderente. Pasta rósea, de grão finíssimo, muito macia. Forma indeterminável. Proveniente do Castelo das Chãs de Tavares. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Fragmento da zona decorada de um vaso contendo um painel limitado por linhas de ângulos e uma fiada de pérolas (*FUIDIO, Est. LVIII*). Roseta cruciforme (*J. S. T. A., 133, Est. XLII, Tarragona; KNORR, 1919, fig. 11. Lezoux? e La Graufesenque*).

Supomos ter pertencido a um vaso do final do séc. I.

- 70 — Moldado. Verniz alaranjado, muito brilhante; bastante aderente. Pasta cor de tijolo, bem trabalhada, dura; fractura recta.

Forma indeterminável. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Não se pode apreciar completamente nenhum dos motivos. O mais interessante e que deixa supor um desenho cheio de finura e expressão, parece ser um cabrito aparentado com a figura registada por Fuidio num exemplar de Bayona de Titulcia (*FUIDIO, Est. LXIII, 32*). Data (?).

71 — Moldado. Verniz vermelho acastanhado, brilhante, estaladiço. Pasta rósea, de grão finíssimo; fractura lisa. Forma indeterminável. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Pequeno fragmento com decoração própria da forma *Drag. 37* hispânica. Cf. n.ºs 12-14, 24, do nosso estudo.

Dois motivos alternantes: círculos concêntricos, sendo os maiores cortados a pequenos intervalos, obliquamente; motivo vertical folheado.

72 — Moldado. Verniz vermelho claro e brilhante, estaladiço. Pasta cor de tijolo, muito viva, de grão fino; fractura irregular. Forma indeterminável. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.

Fragmento de um vaso decorado em «zonas» oferecendo a repetição em série monótona de um único motivo: roseta emoldurada por dois círculos concêntricos sendo o maior formado por grosso cordão cortado a pequenos intervalos por incisões em forma de asa. Mesquiriz regista um motivo muito semelhante, ainda que mais simples e tosco, num fragmento *Drag. 37* da colecção de Liédena (*MESQUIRIZ, p. 35*). Perfeitamente idêntica é a representação de um fragmento procedente da necrópole de Tarragona (*J. S. T. A., Est. XLIII*).

Deve situar-se em pleno séc. II.

- 73 — Moldado. Verniz vermelho claro alaranjado, estaladiço. Pasta vermelha, muito fina e bem cozida; fractura macia. Forma *Drag. 37*. Proveniente da Citânia de Briteiros. Colecção Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.

Fragmento da parte central de um vaso semi-esférico de dimensões muito restritas. A decoração é tipicamente hispânica e correspondente ao estilo característico do séc. II, em duas zonas separadas por uma canelura.

A zona superior é preenchida por uma série de pequenos círculos concêntricos; a inferior contém uma sucessão de círculos com uma figura de ave impressa ao centro. A técnica da decoração é pobre e pouco cuidada. Julgamos tratar-se de um produto do séc. II.

Conclusões

O exame comparativo das peças que acabamos de descrever e estudar em pormenor, permite algumas deduções que interessam especialmente para um estudo mais amplo do emprego das formas e da decoração na *sigillata* hispânica.

Formas — É suficientemente elucidativo o quadro estatístico ⁽¹⁾ que se nos oferece:

Formas	Exemplares	Percentagens	Formas	Exemplares	Percentagens
Drag. 37	32	52,4	Drag. 37 (?)	6	9,8
Drag. 29	13	21,3	Drag. 29 (?)	2	3,2
Drag. 30	5	8,1	Drag. 30 (?)	1	1,6
Drag. 29-37	1	1,6	Indetermin.	12	

(1) Cf. a «Tábua de procedências», pág. 309.

Como sucede em todas as colecções publicadas, a forma predominante é a *Drag. 37*, mas não deixa de ser notável a frequência da forma carenada; este facto, que se repete em outros núcleos peninsulares, parece-nos de grande importância para a solução do problema cronológico (Vd. págs. 13-14). A forma *Drag. 30* que conheceu larga difusão em toda a Hispânia, é pouco abundante.

Decoração — O conjunto das peças analisadas revela-nos uma produção que se estende da segunda metade do séc. I d. C. até ao séc. IV sem solução de continuidade, directamente filiada na cerâmica sudgálica. Do emprego de certos motivos, concluímos que aos oleiros peninsulares não foi completamente estranha a influência de vasos fabricados no Centro (Ests. VII, 23 — XII, 48) e no Levante (Ests. V, 8, 9 — X, 30, 35) da Gália. Todavia, não é provável que se trate de reprodução directa.

Características gerais

Tendência geometrizar da decoração.

Predomínio de figuras geométricas e motivos vegetais sobre temas figurados.

Grande variedade de motivos figurados e vegetais em relação à monotonia dos temas geométricos.

Redução das figuras a pequena escala e sua esquematização.

Presença, ainda que rara, de temas mitológicos.

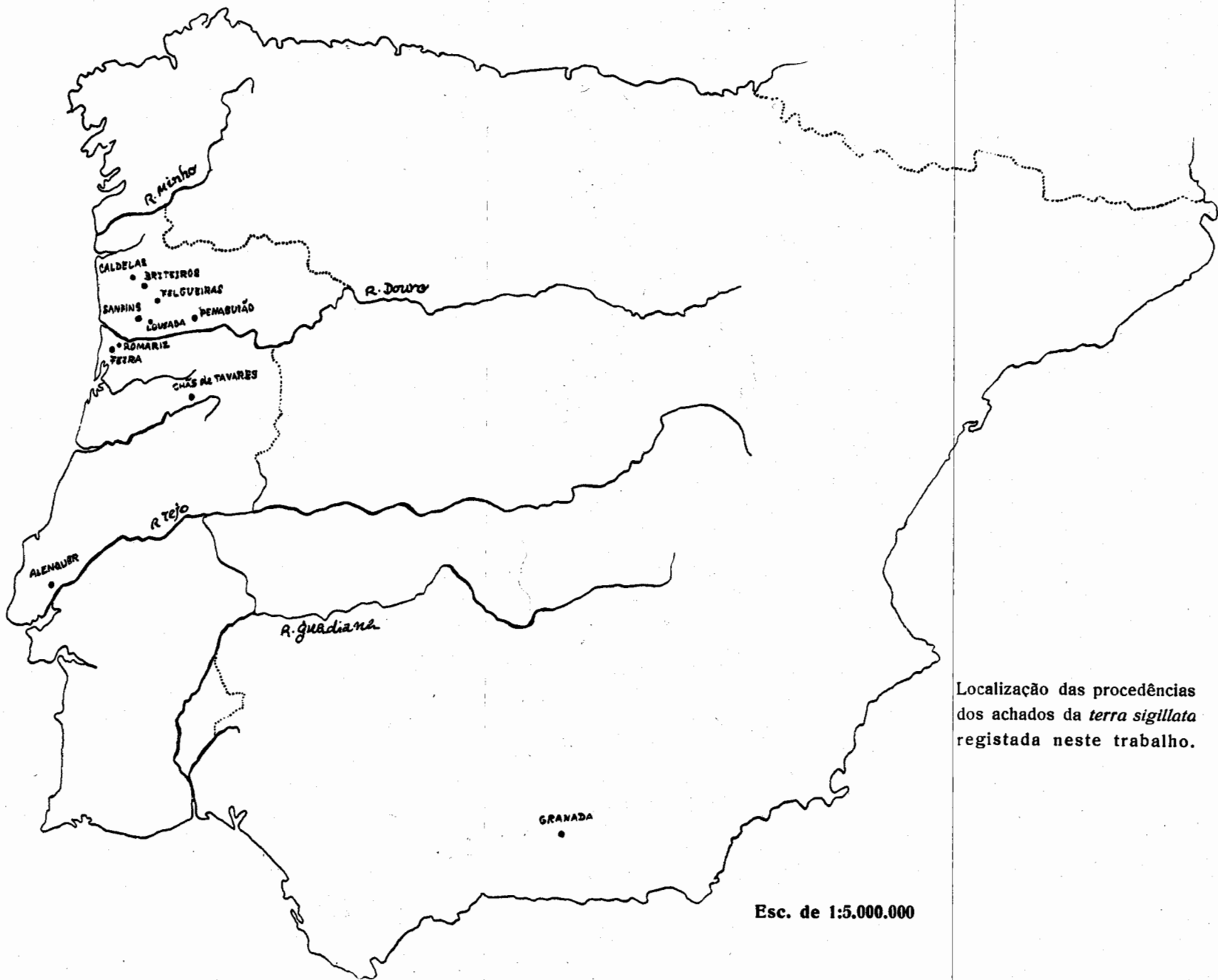
Representação da folhagem serpenteante e do festão, característicos da Gália meridional.

Predomínio do círculo, especialmente do círculo denteado (constante no núcleo de Granada).

Nas suas linhas gerais, esta decoração distribuiu-se segundo três esquemas característicos de períodos distintos na evolução da *sigillata* hispânica.

- A. Distribuição em métopas — séc. I.
- B. Decoração repartida em duas zonas, sensivelmente iguais, separadas por duas estreitas caneluras — séc. II.
- C. Decoração reduzida a grandes arcadas irregularmente distribuídas em duas zonas de larguras diferentes — sécs. III-IV.

ADÍLIA MOUTINHO DE ALARCÃO



Localização das procedências dos achados da *terra sigillata* registada neste trabalho.

Esc. de 1:5.000.000

Tábua de procedências

(O asterisco indica atribuição duvidosa).

CASTELO DAS CHÃS DE TAVARES

Exemplar n.º 69 — forma indeterminável

CASTELO DE FIÃES

Exemplar n.º 31 — forma Drag. 37 tardia
» » 32 — » » »
» » 36 — » » 37 (?)
» » 40 — » » 29

CASTRO DE OTA

Exemplar n.º 6 — forma Drag. 37

CASTRO DE ROMARIS

Exemplar n.º 17 — forma Drag. 37

CASTRO DE S. JULIÃO, CALDELAS

Exemplar n.º 30 — forma Drag. 29
» » 56 — » indeterminável
» » 62 — » »

CASTRO DE S. PEDRO, S.^{TA} MARIA DE PENAGUIÃO

Exemplar n.º 5 — forma Drag. 37
» » 7 — » » »

CASTRO DE SENDIM

(*) Exemplar n.º 20 — forma Drag. 37

CITÂNIA DE BRITEIROS

Exemplar n.º 1 — forma Drag. 37
» » 3 — » » »
» » 4 — » » »
» » 10 — » » »
» » 11 — » » »
» » 12 — » » »
» » 13 — » » »
» » 14 — » » »
» » 15 — » » »
» » 16 — » » »
» » 18 — » » »
» » 19 — » » »
» » 22 — » » »
» » 23 — » » 29 (?)
» » 24 — » » 37
» » 25 — » » 37 (?)
» » 35 — » » 29-37

Exemplar n.º	37	—	forma	Drag.	29
»	»	38	—	»	»
»	»	39	—	»	»
»	»	42	—	»	29 (?)
(*)	»	44	—	»	29 tardia
»	»	45	—	»	37
»	»	46	—	»	29 tardia
»	»	47	—	»	»
»	»	48	—	»	»
»	»	49	—	»	37
»	»	50	—	»	30
»	»	51	—	»	29 tardia
»	»	52	—	»	30
»	»	53	—	»	29
»	»	54	—	»	30
»	»	55	—	»	37
»	»	58	—	»	indeterminável
»	»	59	—	»	Drag. 30
»	»	60	—	»	37
»	»	61	—	»	indeterminável
»	»	64	—	»	»
»	»	64	—	»	Drag. 30
»	»	65	—	»	» (?)
»	»	66	—	»	29
»	»	67	—	»	»
»	»	68	—	»	indeterminável
»	»	70	—	»	»
»	»	71	—	»	»
»	»	72	—	»	»
»	»	73	—	»	Drag. 37

FELGUEIRAS

Exemplar n.º 57 — forma indeterminável

GRANADA

Exemplar n.º	8	—	forma	Drag.	37
»	»	9	—	»	»
»	»	26	—	»	»
»	»	27	—	»	» (?)
»	»	28	—	»	»
»	»	29	—	»	37 tardia
»	»	33	—	»	» (?)
»	»	34	—	»	29
»	»	41	—	»	indeterminável
»	»	43	—	»	Drag. 37 (?)

MONTE DE S. DOMINGOS

Exemplar n.º 2 — forma Drag. 37

MONTE DE S.ª MARIA, VILA DA FEIRA

Exemplar n.º 18 — forma Drag. 37

Lista de abreviaturas usadas neste estudo

- A. E. A. = *Archivo Español de Arqueología*.
- A. P. M. = *Anuário de Pré-história Madrileña*.
- BALIL = A. Balil, «Vasos de sigillata hispánica en las Colecciones del Museo Arq. de Barcelona», *Ampurias*, XVIII, Barcelona.
- CARBALLO = I. Carballo, «Las primicias de Juliobriga», *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria (Homenaje a J. Martínez Santa-Olalla)*, Madrid.
- C. H. P. = *Cuadernos de Historia Primitiva*, Madrid.
- COMFORT = Howard Comfort, «Terra sigillata», in Pauly-Wissowa, *Realencyclopädie der klassischen Altertumswissenschaft*, Supl. VII, cols. 1.295-1.352.
- CORTEZ = F. Russell Cortez, *Da «terra sigillata» tardia encontrada em Portugal*, Viseu.
- DRAG. = Draggendorf.
- FROTHINGHAM = Alice W. Frothingham, *Sigillate pottery of the Roman Empire from excavations in Spain*, New York.
- FUIDIO = Fidel Fuidio Rodriguez, *Carpetania Romana*, Madrid.
- HERMET = Frédéric Hermet, *La Graufesenque*, Paris.
- INDEX = Felix Oswald, *Index of figures-types on terra sigillata*, London.
- INTROD. = Oswal-Pryce, *An introduction to the study of terra sigillata treated from a chronological standpoint*, London.
- J. S. E. A. = *Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades*.
- J. S. T. A. = *Junta Superior del Tesoro Artístico*.
- KNORR, 1919 = Robert Knorr, *Töpfer und Fabriken verzierter Terra-Sigillata des ersten Jahrhunderts*, Stuttgart, 1919.
- KNORR, 1952 = R. Knorr, *Terra-Sigillata Gefässe des ersten Jahrhunderts mit Töpfernamen*, Stuttgart, 1952.
- MESQUIRIZ = M. Angeles Mesquiriz, «Sigillata hispanica de Liédena», *Príncipe de Viana*, Pamplona, XIV, LII-LIII.

MORALES = A. Hernandez Morales, *Juliobriga, ciudad romana en Cantabria*, Santander.

DIAZ = E. Cuadrado Diaz, «Cartagena (Murcia)», *Noticiario Arqueologico Hispanico*, I, Madrid, cuad. 1-3, p. 149.

OLEIRO, 1954 = J. M. Bairrão Oleiro, *Elementos para o estudo da «terra sigillata» em Portugal*, Coimbra, 1954.

PALOL = P. de Palol Salellas, «Un vaso de terra sigillata de fabrica hispanica del Museo Arqueologico de Barcelona», *Cronica del II Congreso Arqueologico Nacional*, Madrid.

PARGA = L. Vázquez de Parga, *De terra sigillata un vaso inédito de Germanus*, Madrid.

R. E. H. = *Revista de Estudos Históricas*, Porto.

S. MARTIN = B. Saez Martin, *Vaso de «terra sigillata» fabricado en España*, Madrid.

VAES, MERTENS = F. Vaes y J. Mertens, «La ceramique galo-romaine en terre sigillée d'Elewijt», *Latomus*, XIII.

Bibliografía

- 1919 — ROBERT KNORR, *Töpfer und Fabriken verzierter Terra-Sigillata des ersten Jahrhunderts*, Stuttgart.
- 1920 — OSWALD PRYCE, *An Introduction to the study of terra sigillata treated from a chronological standpoint*, London.
- 1934 — L. VAZQUEZ DE PARGA, *De terra sigillata un vaso inédito de Germanus*, Madrid.
— FREDERIC HERMET, *La Graufesenque*, Paris.
- 1937 — FELIX OSWALD, *Index of Figure-Types on Terra-Sigillata*, London.
— ALICE W. FROTHINGAM, *Sigillate pottery of the Roman Empire from excavations in Spain*, New York.
- 1950 — HOWARD COMFORT, Terra Sigillata, in Pauly-Wissowa, *Real Encyclopädie der klassischen Altertums-wissenschaft*, Suppl. VII, cols. 1.295-1.352.
- 1952 — ROBERT KNORR, *Terra-Sigillata Gefässe des ersten Jahrhunderts mit Töpfernamen*, Stuttgart.
— NINO LOMBOGLIA, «Apuntes sobre cronología Cerámica» in *Publicaciones del Seminario de Arqueología y Numismática, aragonesa*.
- 1953 — F. VAES Y J. MERTENS, «La ceramique gallo-romaine en terre sigillée d'Elewijt», Belgique, Coll. *Latomus*, V.XIII.
— C. MARTINEZ MUNILLA, «Formas decoradas de Terra Sigillata Gálica en la Colección Arqueológica de la Universidad de Sevilla» in *Archivo Español de Arqueología*, 2.º sem., Madrid, págs. 313-321.

Estudos exclusivamente consagrados a produtos hispánicos

- 1918 — J. MÉLIDA Y ALIMARI, «Excavaciones de Numancia», *Memória n.º 5 da Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades*, Madrid.
- 1924 — J. SERRA VILARÓ, «Estación ibérica, termas romanas y taller de «terra sigillata» en Solsona», *Memória n.º 63 da Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades*, Madrid.
- 1925 — J. SERRA VILARÓ, «Cerámica en Abella. Primer taller de «terra sigillata» descubierto en España», *Memória n.º 73 da Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades*, Madrid.

- MENDES CORREIA, «Nótulas arqueológicas» in *Revista de Estudos Históricos*, Ano 2.º, n.º 2, Porto.
- 1928 — J. SERRA VILARÓ, «Excavaciones en la necrópolis romano-cristiana de Tarragona», *Memória n.º 93 da Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades*, Madrid.
- 1929 — R. SERPA PINTO, «Museu de Martins Sarmento. III — Terra Sigillata», in *Revista de Guimarães*, 1929, t. 39, págs. 27-43.
- 1931-32 — J. M. SANTA-OLALLA, «Antigüedades romanas de Poza de la Sal (Burgos)» in *Anuario de Prehistoria Madrileña*, II-III, Madrid, pág. 266.
- J. PÉREZ DE BARRADAS, «Las villas romanas de Villa Verde Bajo (Madrid)» in *Anuario de Prehistoria Madrileña*, II-III, Madrid.
- 1934 — FIDEL FUIDIO RODRIGUEZ, *Carpetania Romana*, Madrid.
- L. VAZQUEZ DE PARGA, *De terra sigillata un vaso inédito de Germanus*, Madrid.
- 1935 — J. SERRA VILARÓ, «Excavaciones en la necrópolis romano-cristiana de Tarragona», *Memória n.º 133 da Junta Superior del Tesoro Artístico*, Madrid.
- 1943 — L. VAZQUEZ DE PARGA, «Estado actual del estudio de la terra sigillata» in *Archivo Español de Arqueología*, n.º 50, Madrid, págs. 127-144.
- B. TARACENA, «Barro Saguntino» y «Terra Sigillata» in *Archivo Español de Arqueología*, n.º 50, Madrid, págs. 123-127.
- 1946 — A. HERNANDEZ MORALES, *Juliobriga, ciudad romana en Cantabria*, Santander.
- 1946 — J. CARBALLO, «Las primicias de Juliobriga», Homenaje a J. M. Santa-Olalla, in *Actas y Memórias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, XXI, pág. 129.
- 1947 — V. RUIZ ARGILÉS, «Sigillata de fabricación española en Juliobriga» in *Cuadernos de Historia Primitiva*, II, n.º 2, Madrid, págs. 127-128.
- 1948 — B. SAEZ MARTIN, *Vaso de Terra Sigillata fabricado en España*, Madrid.
- J. M. SANTA-OLALLA, «Nueva fábrica española de terra sigillata» in *Cuadernos de História Primitiva*, III, n.º 2, Madrid, págs. 144-146.
- 1950 — C. MARTINEZ MUNILLA, «Vaso de «terra sigillata» hispanica hallado en Marsella» in *Archivo Español de Arqueología*, n.º 79, Madrid, págs. 211-212.
- 1951 — F. RUSSEL CORTEZ, *Da «terra sigillata» tardia encontrada em Portugal*, Viseu.

- P. DE PALOL SALELLAS, «Un vaso de terra sigillata de fábrica hispânica del Museo Arqueológico de Barcelona», in *Crónica del 11 Congreso Arqueológico Nacional*, Madrid, págs. 465-473.
- 1952 — J. M. BAIRRÃO OLEIRO, «Novos elementos para a história de «Aeminium». Os materiais romanos do pátio da Universidade» in *Biblos*, XXVIII, Coimbra, págs. 65-82.
- E. CUADRADO DIAZ — «Cartagena (Murcia)», in *Noticiário Arqueológico Hispanico*, I, cuad. 1-3, Madrid.
- 1953 — M. ANGELES MESQUIRIZ, «Sigillata hispânica de Liédena» in *Príncipe de Viana*, XIV, n.º LII-LIII, Pamplona, págs. 271-307.
- 1954 — C. MARTINEZ MUNILLA, «Terra Sigillata hispânica» in *Archivo Español de Arqueologia*, XXVII, n.º 89-90, Madrid, 227-234.
- J. M. BAIRRÃO OLEIRO, «Elementos para o estudo da «Terra Sigillata» em Portugal». Segundo trabalho da série que leva o mesmo título, in *Humanitas*, vols. II e III (da nova série), Coimbra, págs. 75-86.
- 1955 — *Archivo Español de Arqueologia*, XXVIII, n.º 91, pág. 163, Madrid.
- 1955-56 — A. BALIL, «Vasos de Sigillata hispanica en las Colecciones del M. A. B.», in *Ampurias*, XVII-XVIII, Barcelona, págs. 279-282.
-

ESTAMPAS

NOTA — Os exemplares das Ests. I-XIII estão reduzidos a $\frac{1}{3}$ do tamanho natural; os das Ests. XIV-XXVII estão reproduzidos em tam. nat. Nas Ests. XV a XXVII repetem-se, destacados em pormenor e agrupados por séries, os «motivos» ornamentais que foram empregados pelos oleiros nos exemplares cerâmicos representados nas Ests. I a XIV. As duas fotografias da Est. I foram-nos amavelmente cedidas pelo Ex.^{ma} Senhor Coronel Mário Cardozo.

Est. I



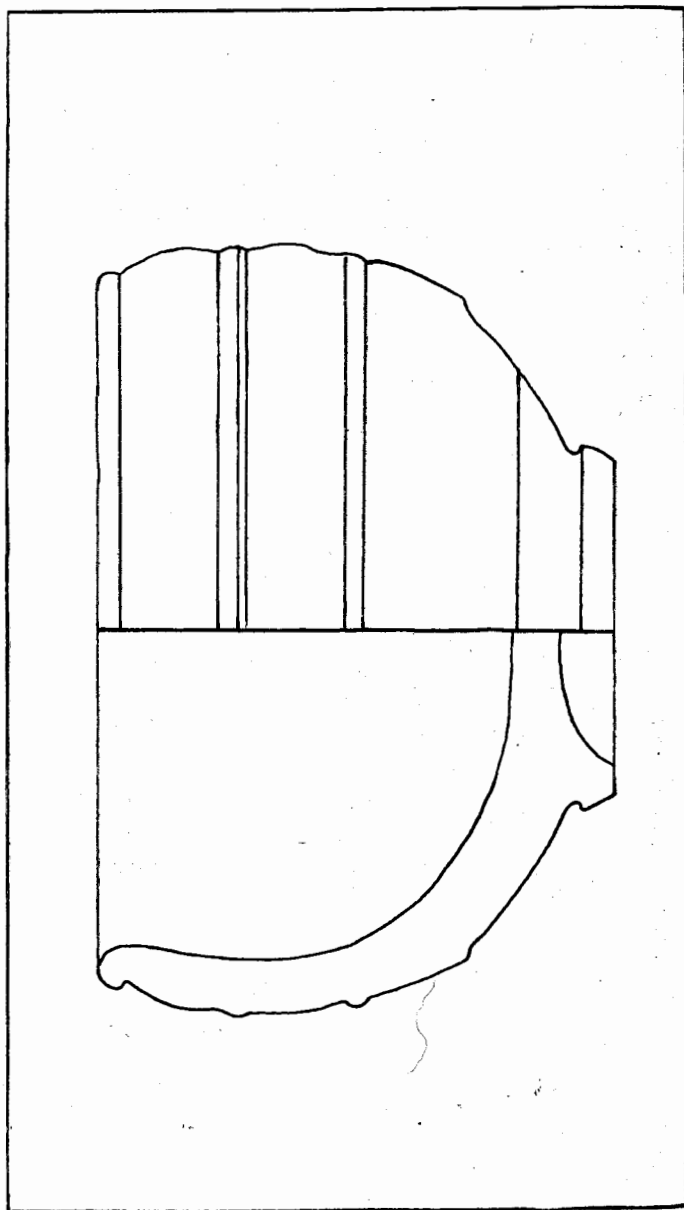
1



Dois aspectos de um vaso proveniente da Citânia de Briteiros.

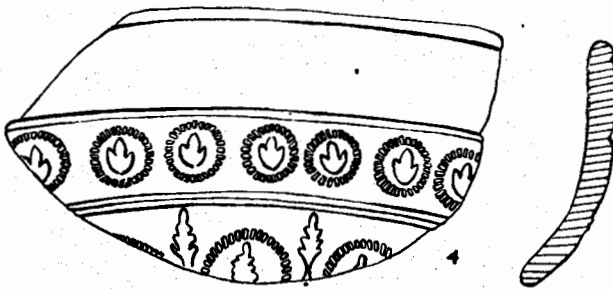
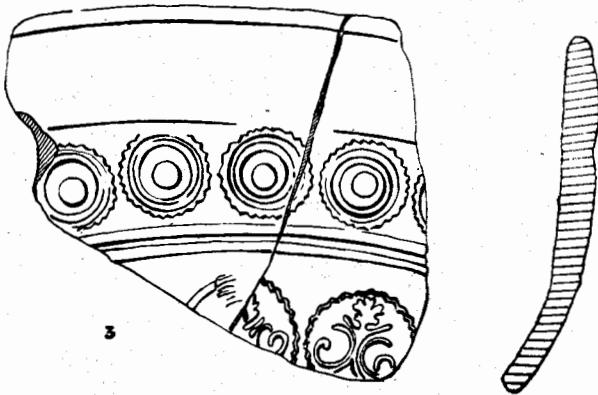
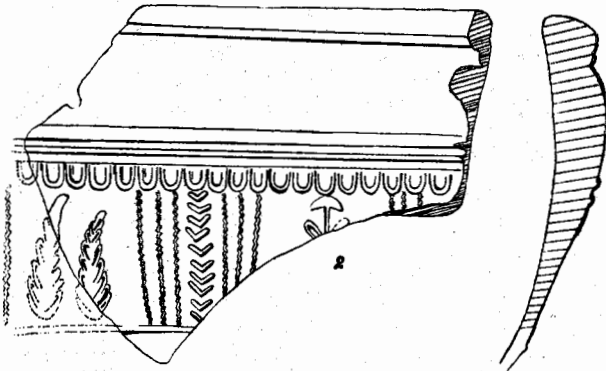
(Museu de «Martins Sarmento».
Guimarães).

EST. II

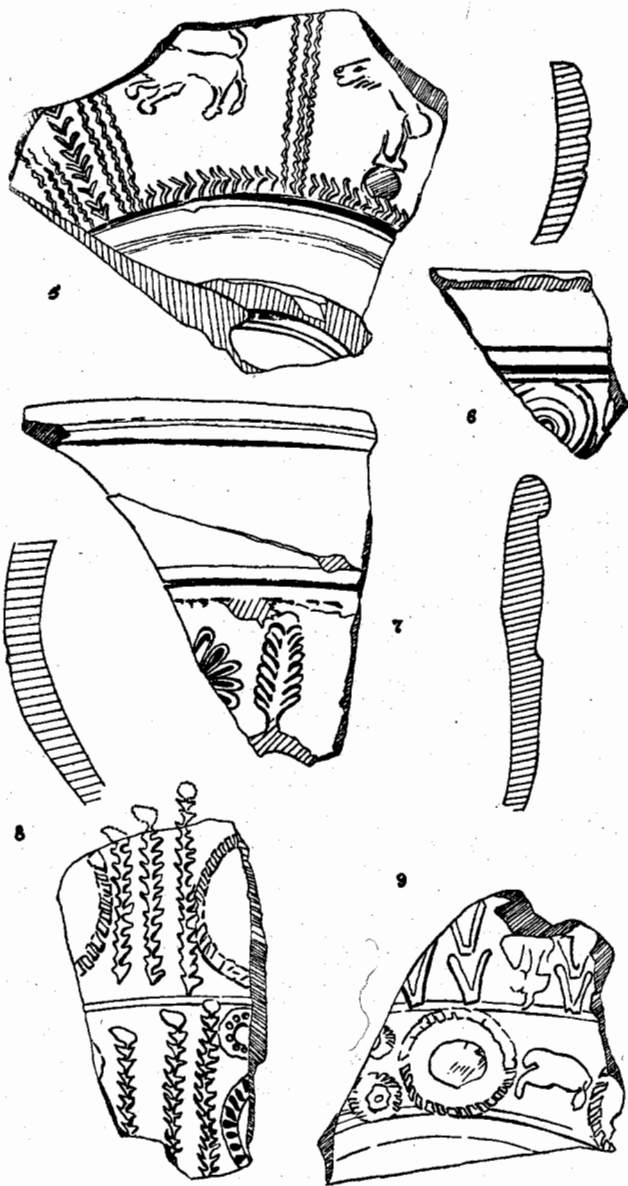


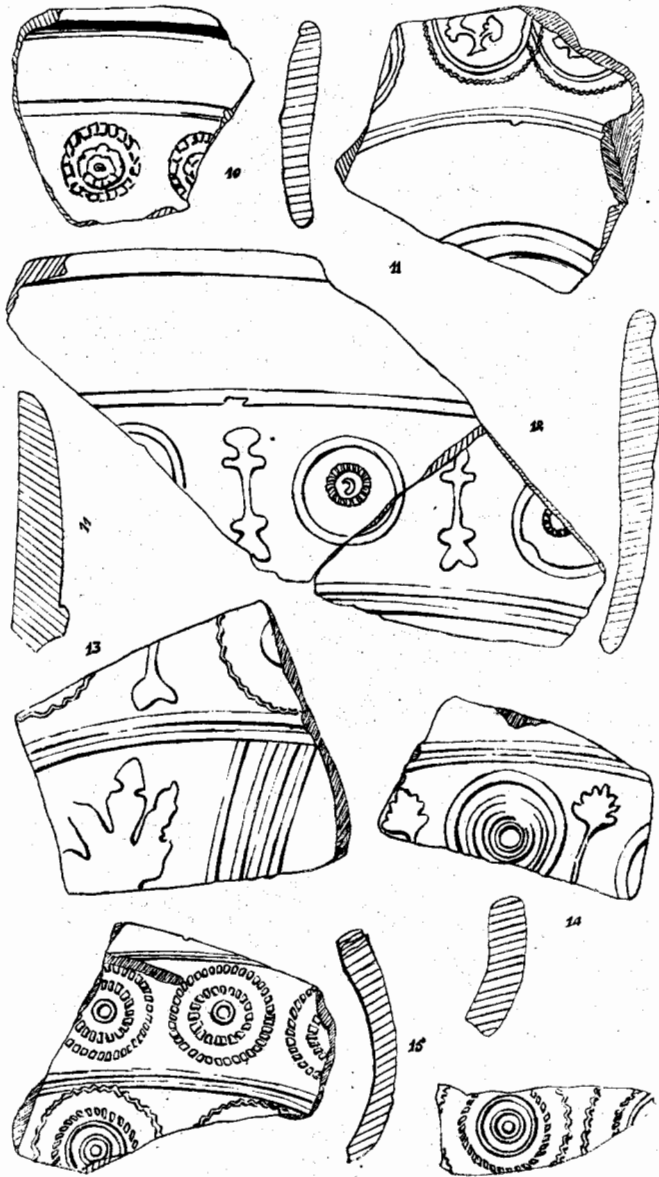
Esquema e perfil do vaso reproduzido na Est. I.

Est. III

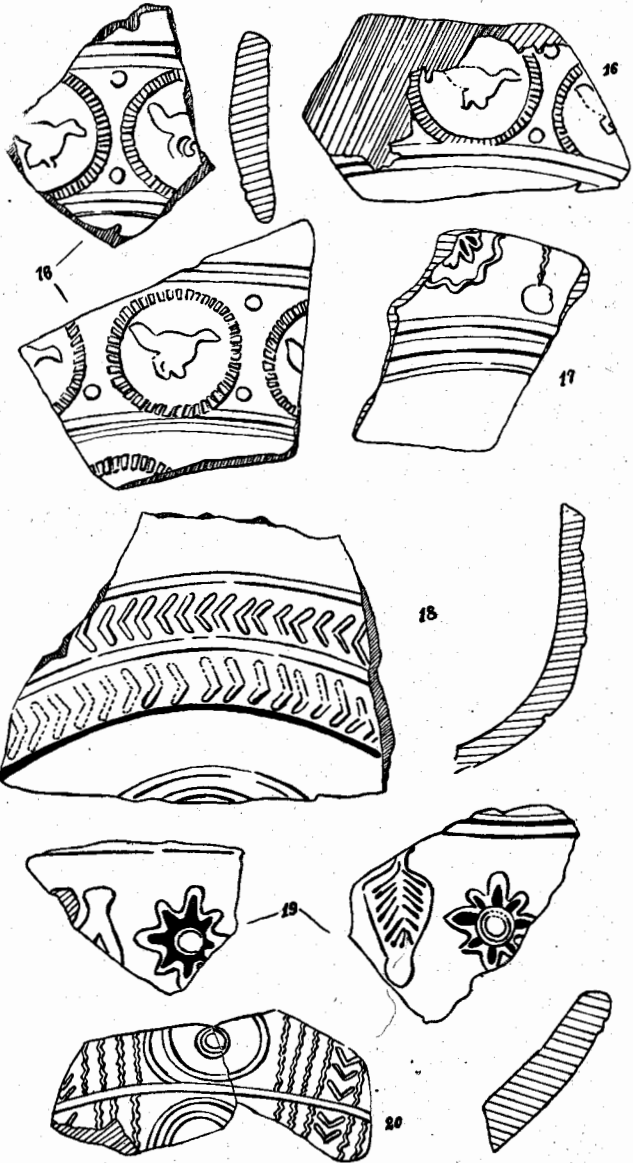


Est. IV

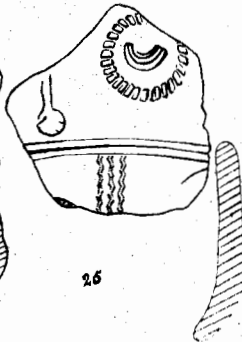
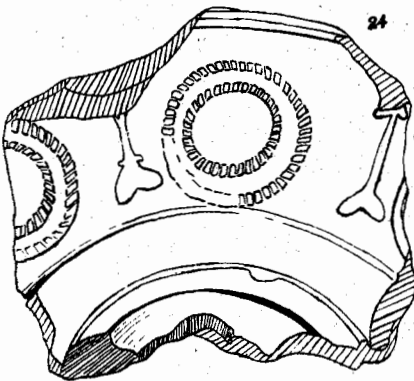
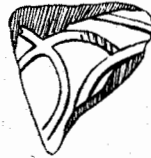
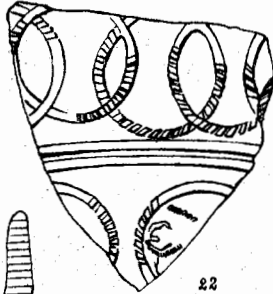
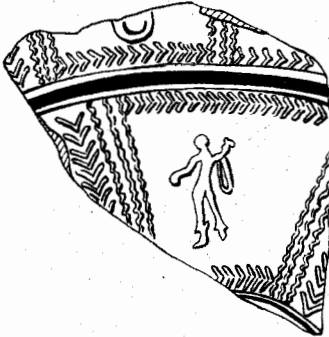
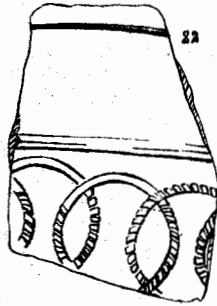
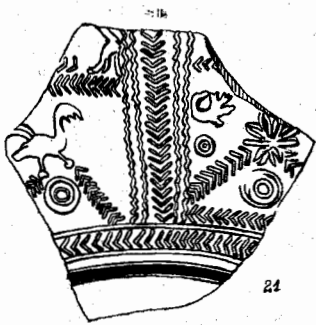




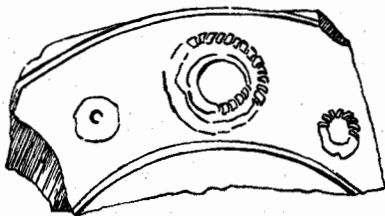
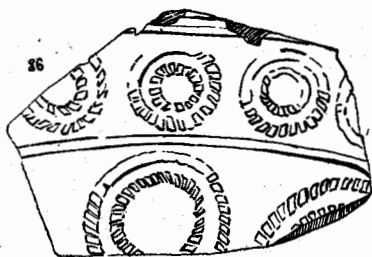
Est. VI



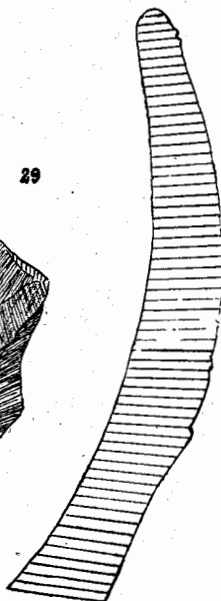
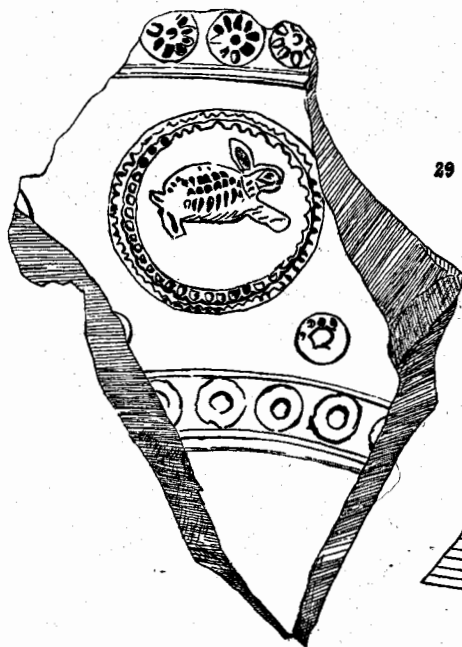
Est. VII



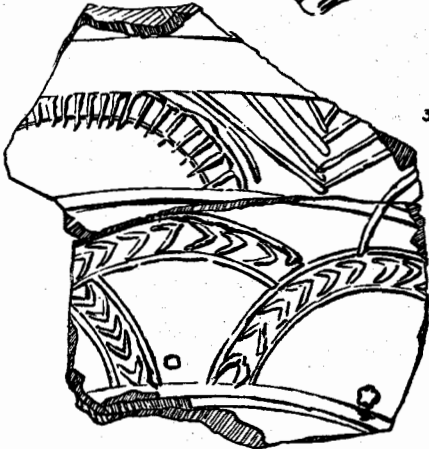
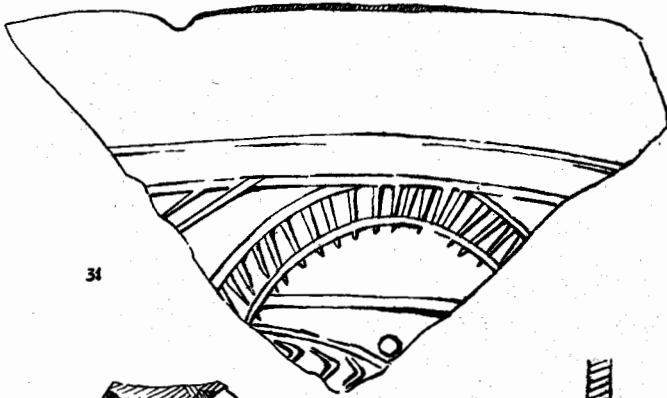
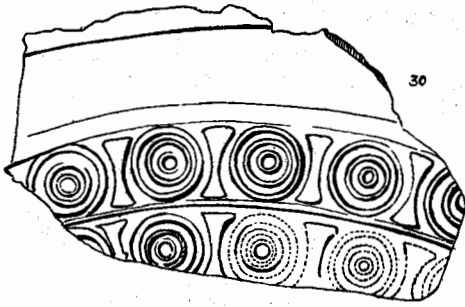
Est. VIII



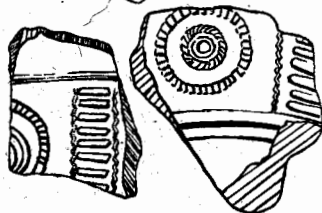
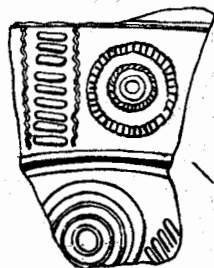
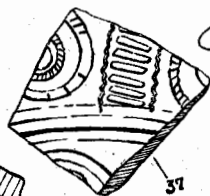
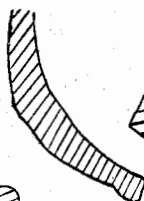
25



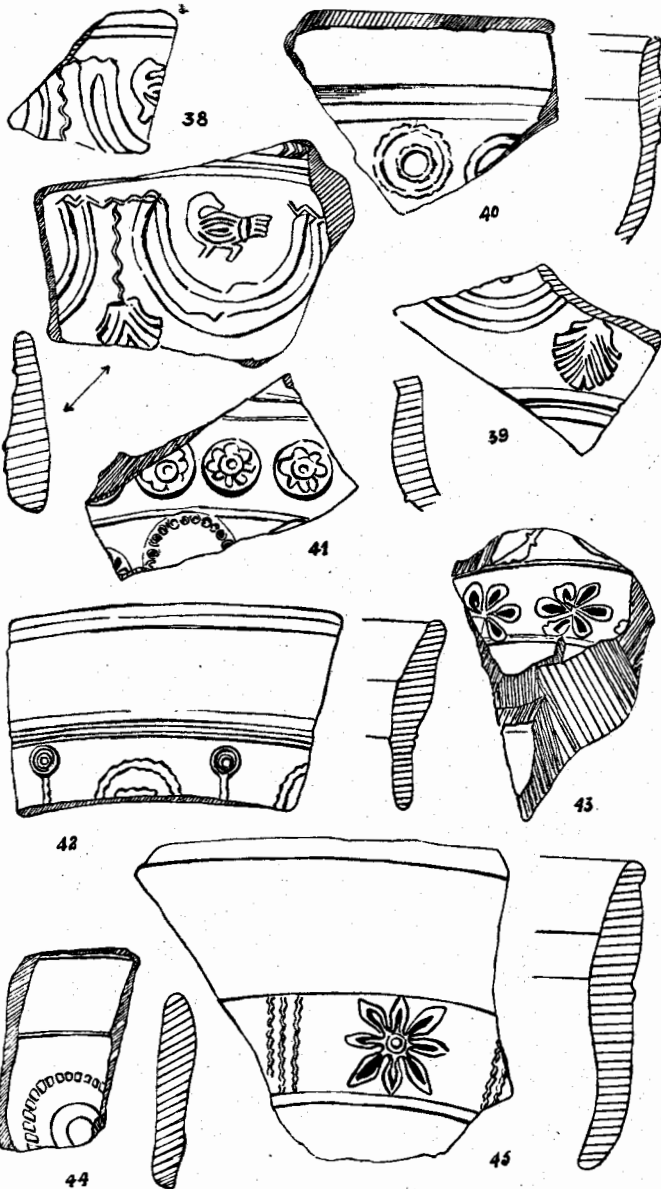
Est. IX



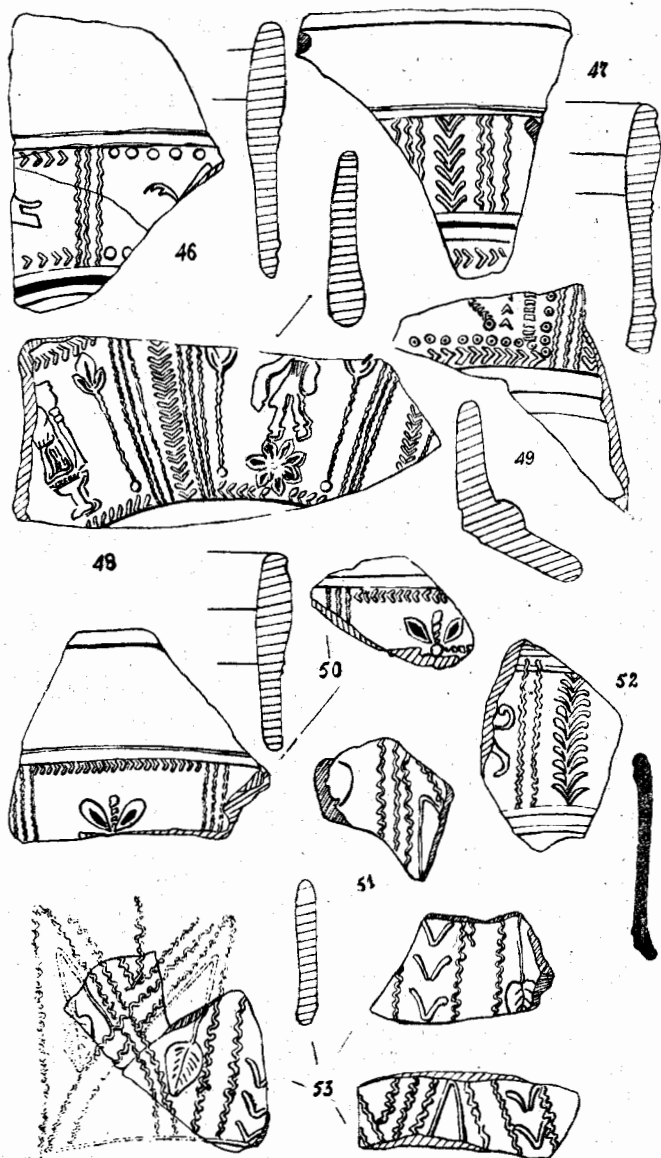
Est. X



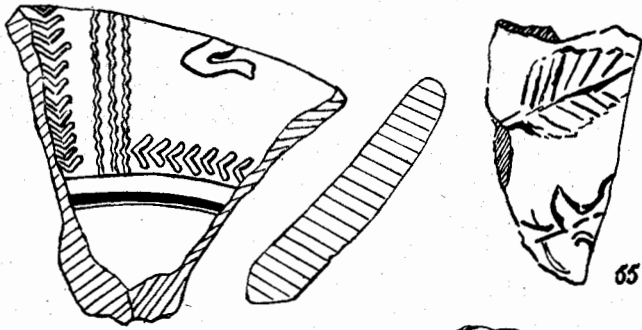
EST. XI



EST. XII

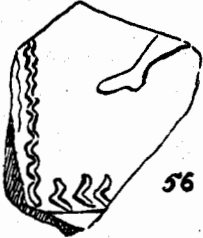


Est. XIII

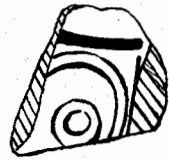


54

55



56



57



58



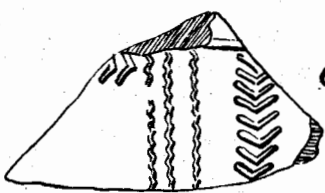
59



60

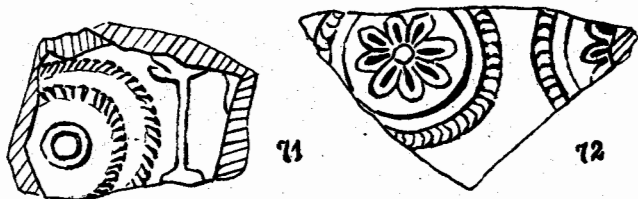
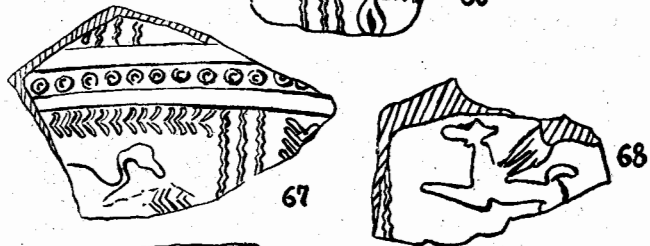
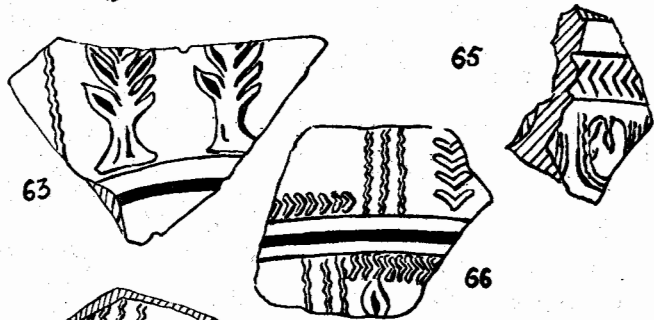
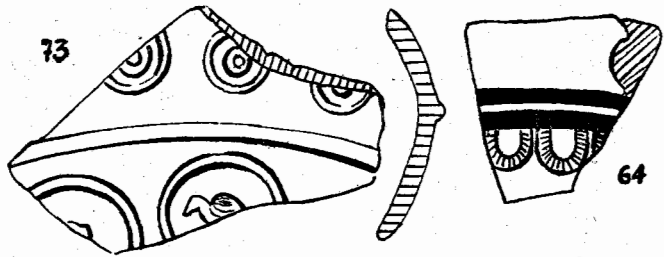


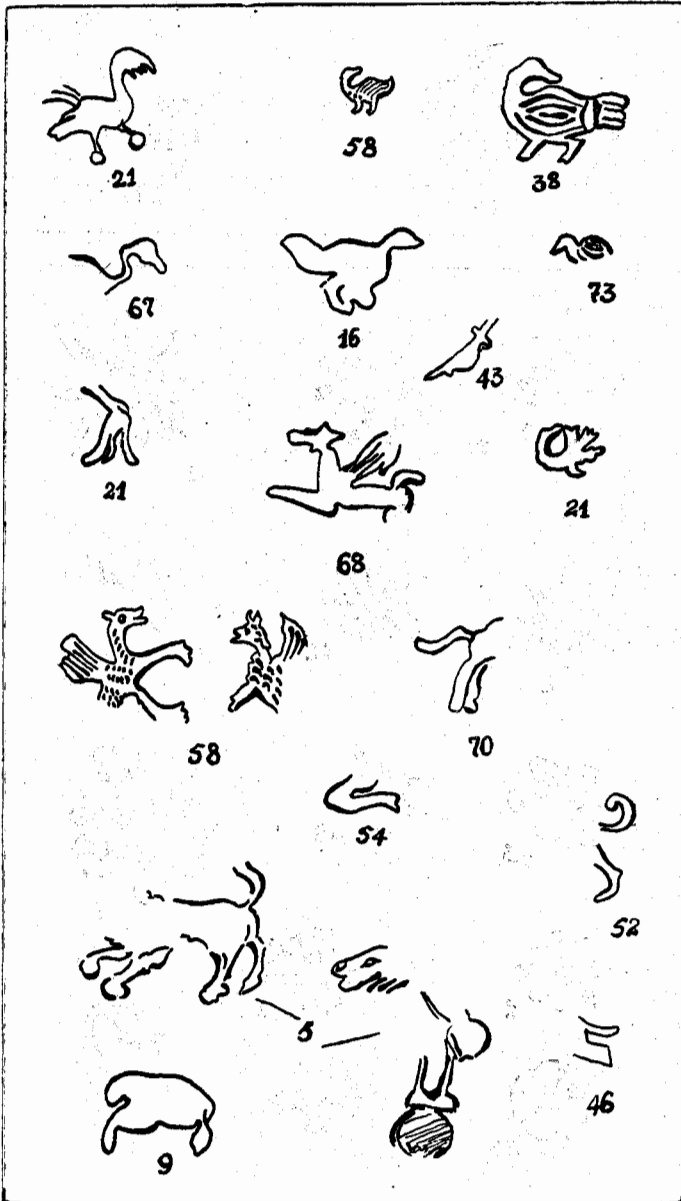
61



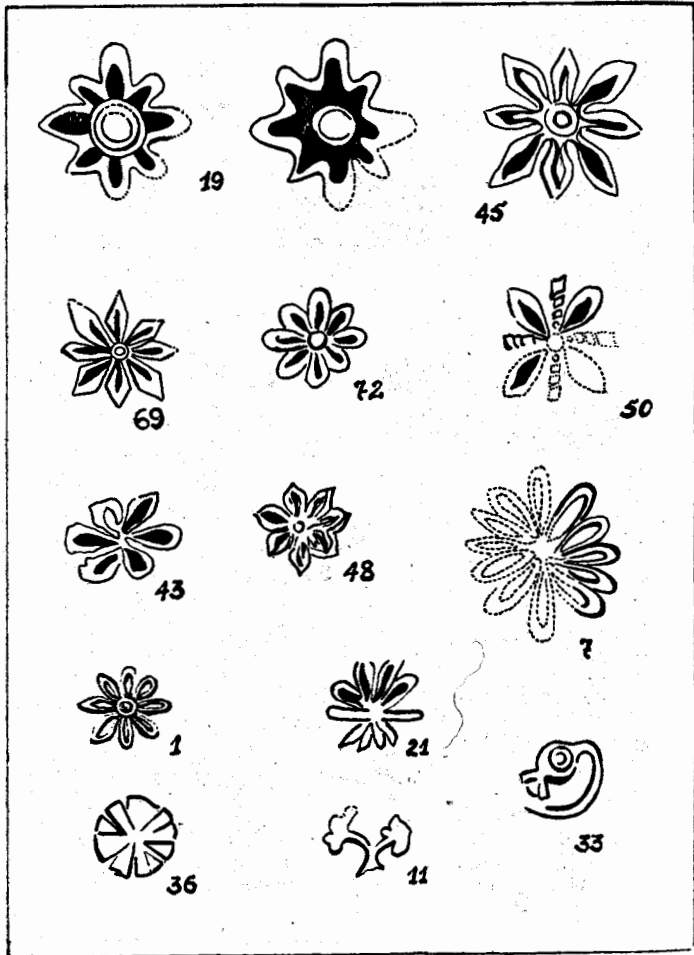
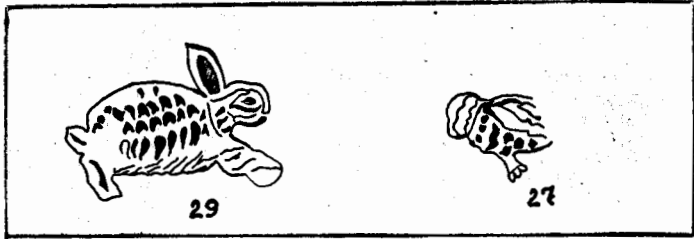
62

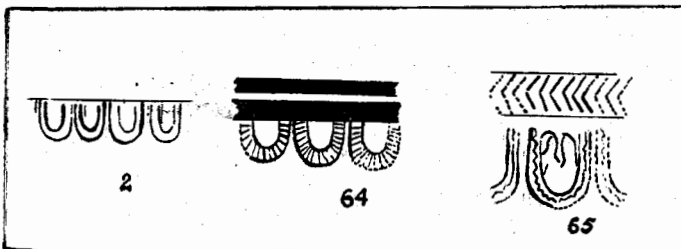
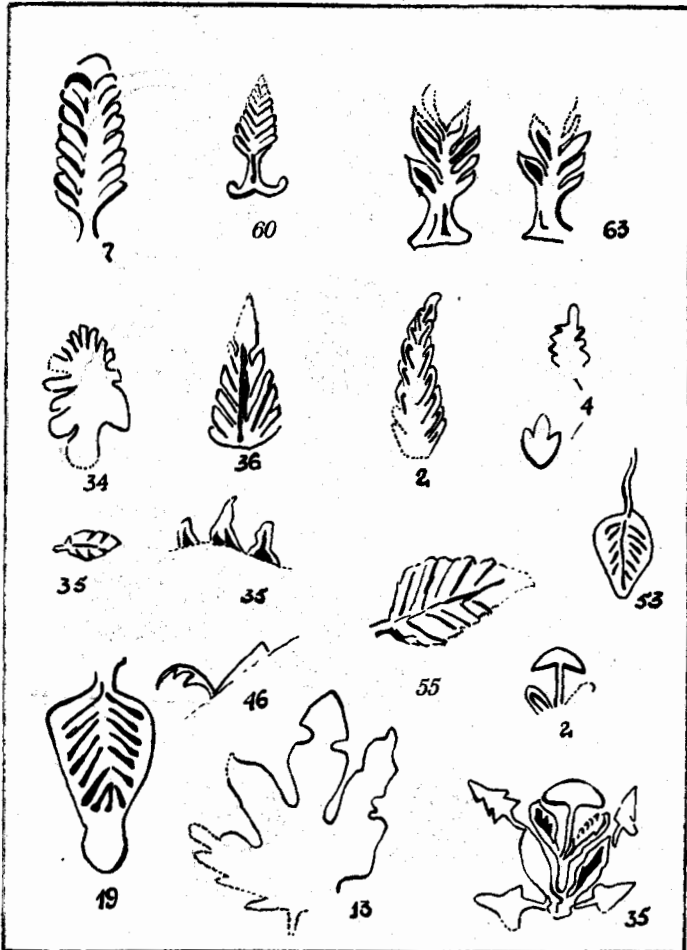
EST. XIV



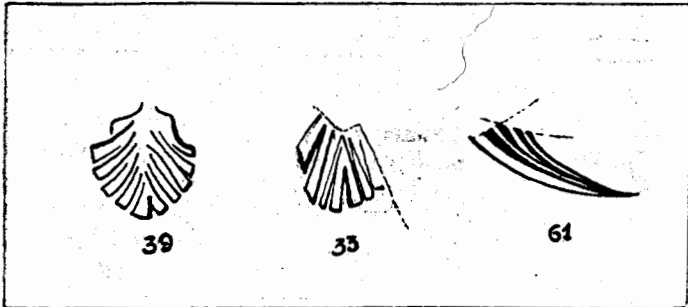
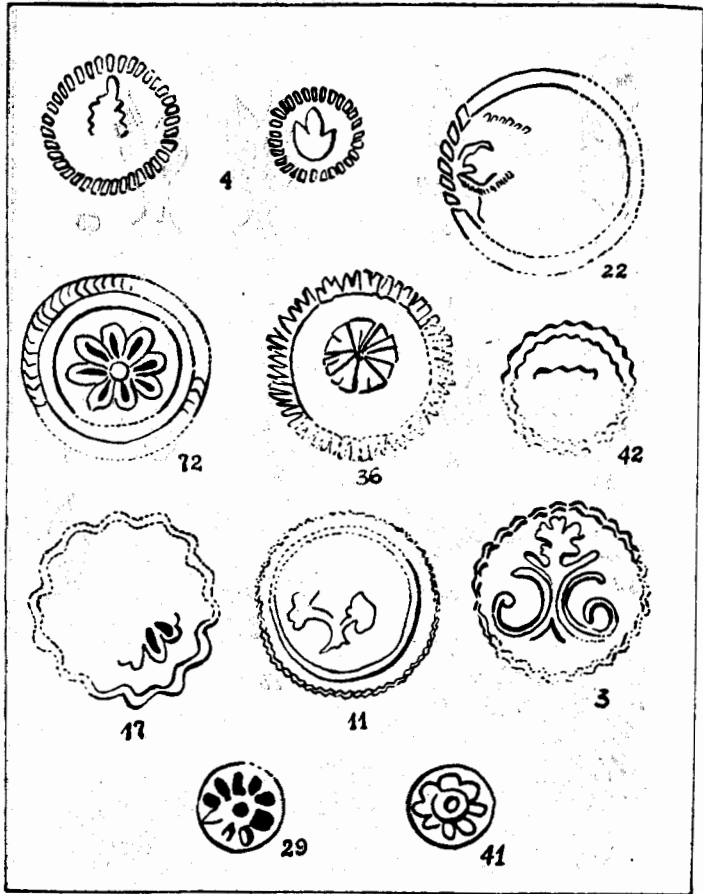


EST. XVI

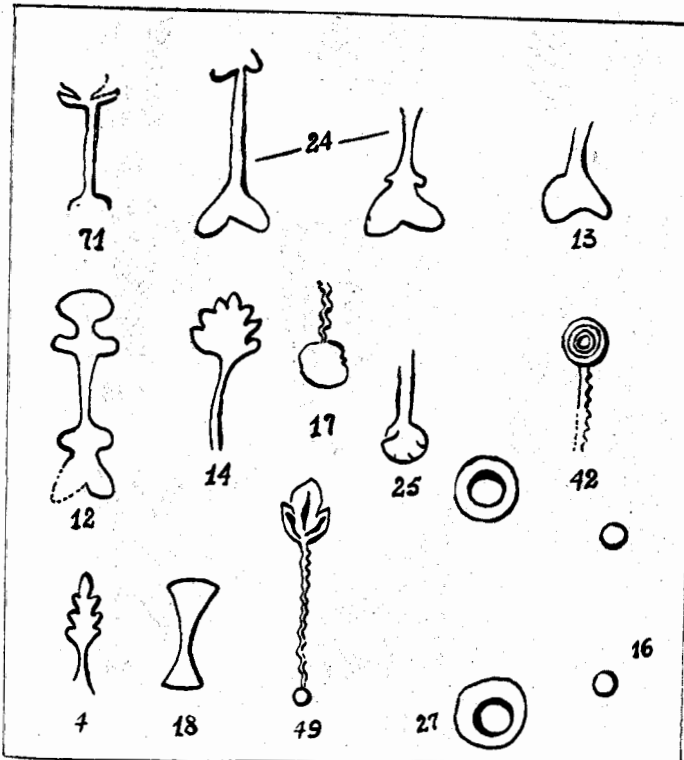
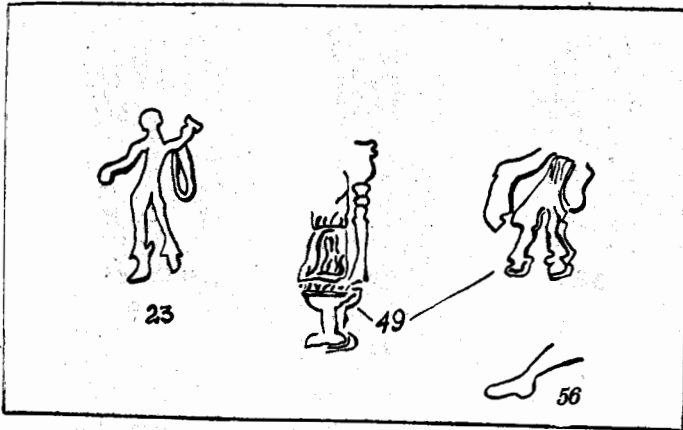


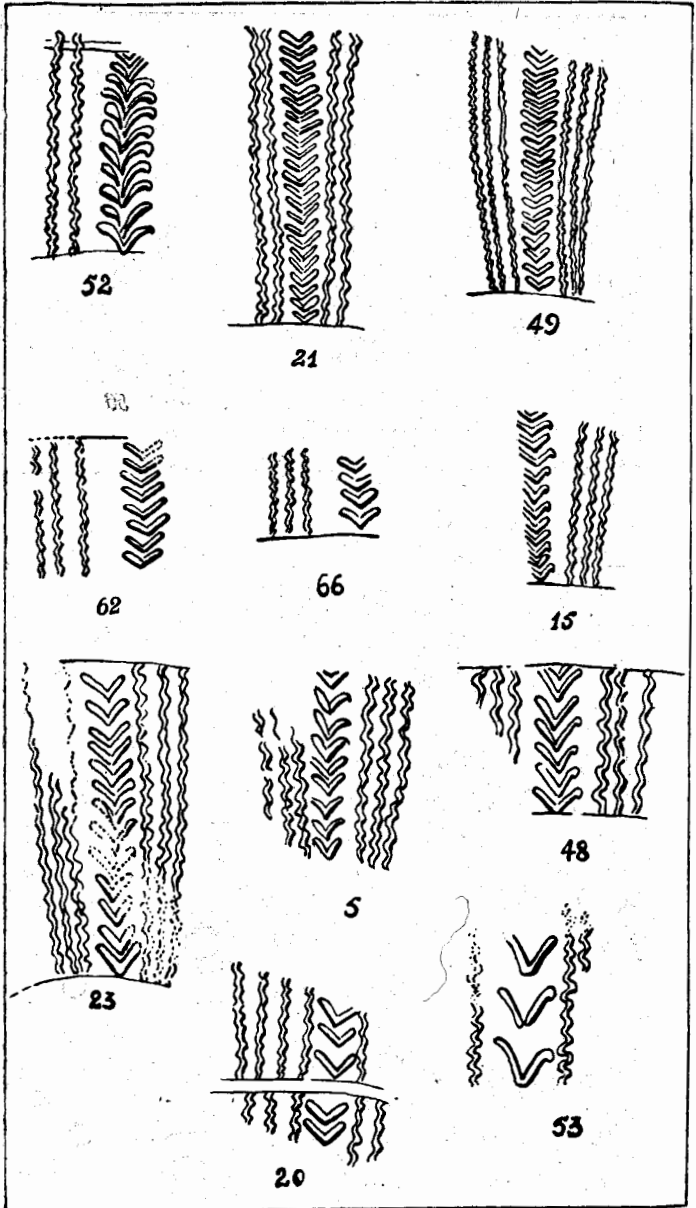


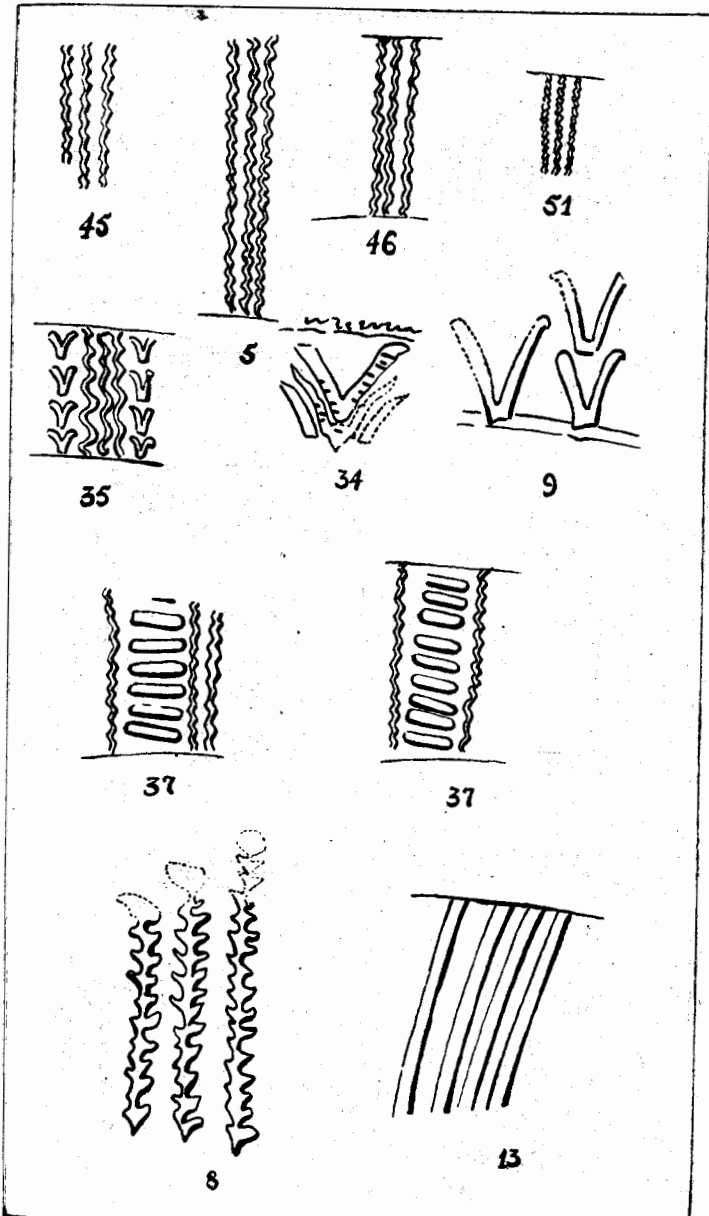
Est. XVIII



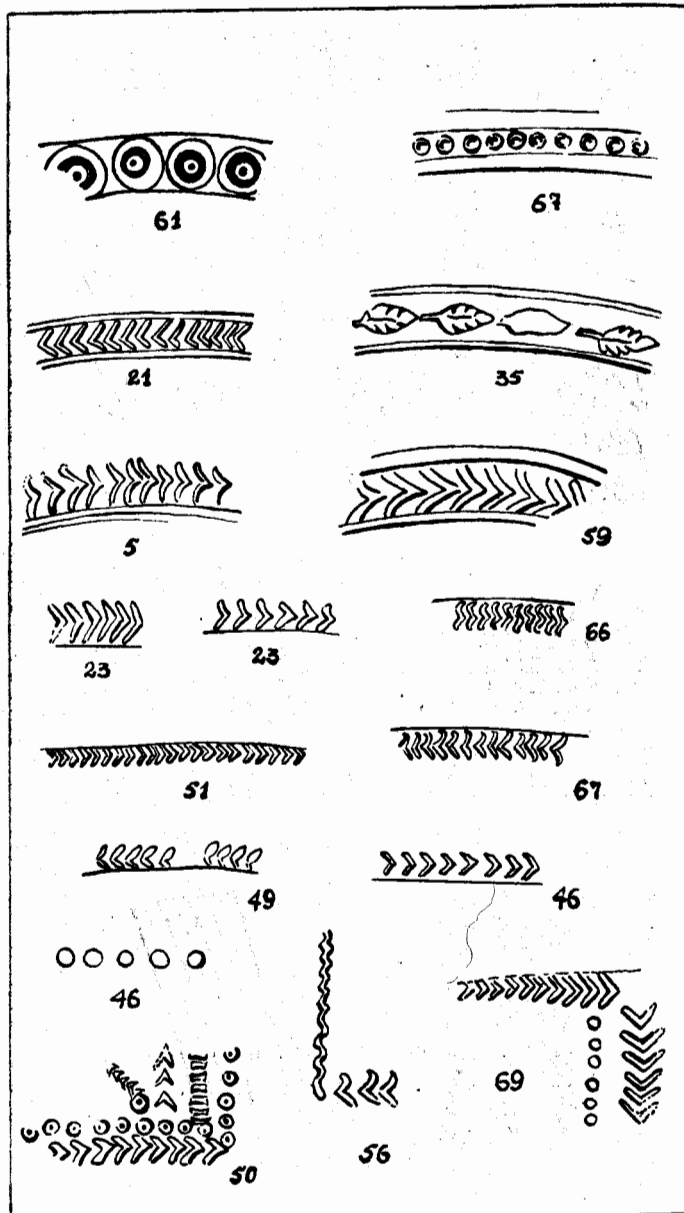
Est. XIX

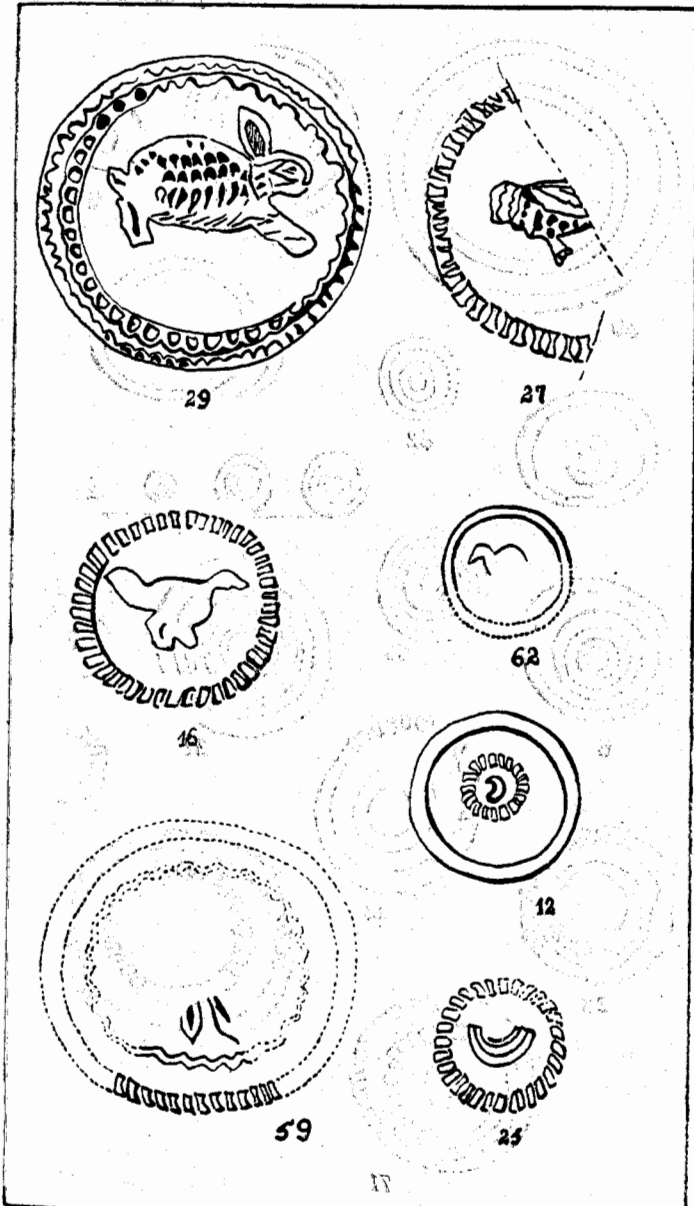






EST. XXII





EST. XXIV

